



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

THAIS YULI NOGUEIRA SALES

PROCESSOS REFERENCIAIS EM CHARGES DE JORNAIS CEARENSES SOB O
ASPECTO MULTIMODAL

FORTALEZA 2017

THAIS YULI NOGUEIRA SALES

**PROCESSOS REFERENCIAIS EM CHARGES DE JORNAIS CEARENSES SOB O
ASPECTO MULTIMODAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

FORTALEZA 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo catálogo mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S155p Sales, Thais Yuli Nogueira.
Processos Referenciais em Charges de Jornais Cearenses sob o Aspecto
Multimodal / Thais Yuli Nogueira Sales. – 2017.
124 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Programa de Pós- Graduação em Linguística, Fortaleza,
2017.

Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. Referenciação. 2. Multimodalidade. 3. Gramática do Design Visual. I. Título.
CDD 410

THAIS YULI NOGUEIRA SALES

PROCESSOS REFERENCIAIS EM CHARGES DE JORNAIS CEARENSES SOB O
ASPECTO MULTIMODAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães
Cavalcante

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa
Universidade Federal do Ceará(UFC)

Prof^ª. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Renato e Zuleida, pelo apoio incondicional. Não há como retribuir a generosidade de vocês para comigo. Obrigada pelos ensinamentos, pelo carinho, pelo zelo e por todas as demonstrações de amor diárias.

Aos meus irmãos, Rômulo (*in memoriam*), Fabiano, Rondinelle e Renato Filho, que de perto ou de longe sempre torceram e cuidaram de mim mais do que eu merecia, muitas vezes.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Mônica Magalhães Cavalcante, por ter acreditado em mim mais do que eu mesma. Paciência, generosidade e exemplo são palavras que descrevem a mulher forte e iluminada que me orientou na execução deste trabalho.

As minhas amigas de infância, Laís e Louise, pela amizade de todas as horas.

Obrigada pela paciência de vocês.

A minha amiga Verônica, por nossa amizade imensurável. Obrigada pelos ensinamentos diários sobre a vida.

A minha amiga Juliane, presente que surgiu inesperadamente em minha vida, por todos os momentos acadêmicos, profissionais e pessoais que dividimos.

Ao meu amigo Lee, por toda sua presteza em todos os momentos de construção deste trabalho. Obrigada por sempre ter se preocupado comigo.

Ao grupo Protexoto, pelas contribuições na vida acadêmica e pelos momentos de amizade divididos entre nós.

Aos membros da banca, Margarete, Mariza, Suelene e Aurea, por se colocarem à disposição em contribuir com este trabalho de pesquisa.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por toda a solicitude que sempre demonstram para com os alunos do curso.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os processos referenciais de introdução referencial e de anáforas, diretas e indiretas, em textos compostos por linguagem verbal e não verbal. Para tanto, nosso aporte teórico acerca da referenciação é Cavalcante (2011, 2012), Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2017), a partir de pressupostos sustentados por Koch e Marcuschi em Linguística Textual. O *corpus* selecionado é composto de 30 charges, publicadas em jornal local, *O Povo*, semanalmente, no período de 2013 a 2016. O gênero charge foi analisado de forma que as imagens e as expressões verbais indicaram processos referenciais, que sinalizaram para a (re)construção de sentidos do texto. As análises das imagens se pautaram pela base teórica da Gramática do *Design* Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), que acreditam na capacidade de as imagens integrarem os sentidos negociados nos textos. De acordo com o nosso estudo, as metafunções composicional, representacional e interativa foram importantes para constatar como as imagens estão diretamente relacionadas aos diversos significados possíveis elaborados pelo interlocutor, já que tais metafunções tratam da disposição e das relações entre os elementos que compõem a imagem. Com base nesse referencial teórico, foi possível testar hipóteses relativas à introdução e à retomada de referentes apontados nos indícios verbo-imagéticos e à intertextualidade que se instaura nessas relações, todas eminentemente argumentativas. Para fundamento teórico dos processos intertextuais, utilizamos Cavalcante, Brito e Zavam (2017) e, para as reflexões sobre argumentação, valemo-nos de Meyer (2007). Após a análise da imbricação dos traços verbais e imagéticos na construção dos referentes e das intertextualidades, constatamos que: a) as imagens são responsáveis por apontarem processos de introdução e de retomada de referentes a partir dos elementos indicados pelas metafunções representacional, interativa e composicional; b) os critérios de enquadramento e de saliência da metafunção composicional revelam as recategorizações suscitadas pela relação de figura/fundo presente a partir da disposição dos participantes das imagens; c) o contato, a distância social e a perspectiva da metafunção interativa são aspectos que apontam para o *ethos efetivo* e evidenciam o caráter argumentativo da charge; d) as subclasses narrativa e conceitual da metafunção representacional apresentam recorrências concomitantes que indiciam os referentes. Esta pesquisa confirma a profícua relação que pode ser estabelecida entre a GDV e os estudos em Linguística Textual.

Palavras-chave: Referenciação. Multimodalidade. Gramática do *Design* Visual.

ABSTRACT

This research analyzes the reference processes of referential introduction and direct and indirect anaphora, in texts composed by verbal and nonverbal language. To that purpose, our theoretical contribution on referencing is Cavalcante (2011, 2012), Custódio Filho (2011) and Cavalcante and Brito (2017), based on assumptions supported by Koch and Marcuschi in Textual Linguistics. The selected corpus is composed of 30 charges, published in local newspaper, “O Povo”, weekly, from 2013 to 2016. The genus charge was analyzed in such a way that the images and verbal expressions indicated reference processes, which signaled to the (re)construction of text meanings. The image analysis was based on the theoretical basis of Visual Design Grammar, by Kress and van Leeuwen (2006), who believe in the images ability to integrate the meanings negotiated in texts. According to our study, the compositional, representational and interactive metafunctions were important to verify how the images are directly related to the different possible meanings elaborated by the interlocutor, since these metafunctions deal with the disposition and the relations between the elements that compose the image. Based on this theoretical reference, it was possible to test hypotheses related to the introduction and resumption of referents pointed out in the verbal-imagery clues and to the intertextuality that is established in these relations, all eminently argumentative. For the theoretical foundation of the intertextual processes, we use Cavalcante, Brito and Zavam (2017) and, for the reflections on argumentation, they use Meyer (2007). After analyzing the imbrication of verbal and imaginary traces in the construction of referents and intertextualities, we find that: a) the images are responsible for pointing out processes of introduction and retrieval of referents from the elements indicated by representational, interactive and compositional metafunctions; b) the framing and salience criteria of the compositional metafunction reveal the recategorisations raised by the figure/background relation from the arrangement of the participants of the images; c) the contact, the social distance and the perspective of the interactive metafunction are aspects that point to the effective ethos and evidence the argumentative character of the charge; d) the narrative and conceptual subclasses of the representational metafunction have concomitant recurrences that indicate the referents. This research confirms the fruitful relationship that can be established between GDV and studies in Textual Linguistics.

Keywords: Referencing. Multimodality. Grammar of Visual Design.

LISTA DE IMAGENS E CHARGES

Imagem 1 – Anúncio publicitário	21
Charge 1 – Charge Dilma e Lula	25
Imagem 2 – Exemplo de introdução referencial e de recategorização	26
Charge 2 – Charge sobre juros	29
Charge 3 – Homenagem a Robin Williams	34
Charge 4 – Seca no nordeste	35
Charge 5 – Bate-papo entre mosquitos	42
Imagem 3 – Fig 6.2 Gold-diggers	46
Imagem 4 – Fig 6.7 Overpopulation	48
Imagem 5 - Fig 6.13 Going on Holiday	49
Imagem 6 - Fig 4.1 Recruitment poster	52
Imagem 7 – Cartazes de guerra	54
Imagem 8 - Fig 4.5 PlayStation website	55
Imagem 9 – Cartazes de guerra 2	56
Imagem 10 - Fig 2.15 New York, 1955	58
Imagem 11 – Cartazes de guerra 3	58
Imagem 12 - Fig 3.1 Guide interface	60
Imagem 13 - Fig 3.9 Easy-wearing Cottons	61
Imagem 14 - Fig 3.28 Fun with fungi	61
Charge 6- Impeachment	68
Charge 7 – Aumento da conta de luz	72
Charge 8 – Gás de cozinha	77
Charge 9 – Tragédia em Mariana	78
Charge 10 – OMS alerta sobre zica vírus	80
Charge 11 – Obras da Copa	81
Charge 12 – Dia Internacional da Mulher	82
Charge 13 – Dilma e oposição	83
Charge 14 – Impeachment	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. LINGUÍSTICA TEXTUAL: DE ONDE PARTIMOS	19
1.1. <i>Texto, contexto e coerência</i>	19
1.2. <i>A referenciação</i>	23
1.2.1. <i>Introdução referencial e anáforas</i>	24
1.2.2. <i>Processos dêiticos</i>	30
1.3. <i>A charge</i>	32
1.4. <i>A intertextualidade presente em charges</i>	36
1.5. <i>Argumentação presente em charges</i>	38
2. A PROPOSTA DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	44
2.1. <i>Por uma aproximação entre a Referenciação e a Gramática do Design Visual..</i>	63
2.1.1. <i>Funções de apresentação e de recategorização dos referentes</i>	64
3. METODOLOGIA	70
3.1. <i>Método de abordagem</i>	70
3.2. <i>Tipo de pesquisa</i>	70
3.3. <i>Delimitação do universo</i>	71
3.4. <i>Técnicas de pesquisa</i>	72
3.5. <i>Procedimento de análise dos dados</i>	73
4. O ENLACE DA REFERENCIAÇÃO E DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	75
4.1. <i>A metafunção composicional e os referentes</i>	76
4.2. <i>A metafunção interativa e os referentes</i>	79
4.3. <i>A metafunção representacional e os referentes</i>	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

A Linguística Textual, atualmente, inclina-se a estudos mais concentrados na investigação das relações sociocognitivo-discursivas que influenciam a compreensão de sentido dos textos. Seguindo esse norte, analisaremos essas relações, considerando o texto como uma unidade constituída de recursos verbais e de não verbais, que são essenciais para a construção de sentido. Nesse prisma, o texto verbo-imagético, como o gênero charge, e seus modos de construir as referências são tomados como objeto de investigação em nossa pesquisa. Para tanto, trabalhamos com a descrição da Gramática do *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2006), relacionando-a com os estudos de Cavalcante (2011, 2012), de Custódio Filho (2011) e de Cavalcante e Brito (no prelo) – todos fundados em inúmeros trabalhos de Ingedore Koch e Luís Antônio Marcuschi.

No que diz respeito à LT, sigla que usamos corriqueiramente para se reportar à Linguística Textual, abordamos os processos referenciais e suas influências na produção de sentidos do texto e retratamos como esses processos se manifestam por meio da linguagem não verbal. A necessidade desse estudo surgiu a partir da observação de que a influência e a divulgação de textos verbo-imagéticos, nos dias atuais, principalmente, têm maior ênfase no meio social. Além disso, há ainda muitos caminhos para desvendarmos no que tange às relações de construção de sentido a partir dos elos estabelecidos entre linguagem verbal e não verbal. Quando procuramos dar sentido às expressões imagéticas, precisamos considerar um aporte teórico específico para tais representações. Por isso, decidimos aliar à LT os estudos da Gramática de *Design Visual*.

A Gramática de *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2006), aponta que a construção de sentido em um texto não se dá apenas pelos elementos verbais, mas também pela parte visual, imagética, que o compõe. Nesse sentido, problematizamos a abordagem de recursos multimodais na construção de referentes em charges de jornais cearenses, visto que tomamos a GDV, sigla que utilizamos constantemente em referência à Gramática de *Design Visual*, como aparato para a análise das imagens.

Para Kress e van Leeuwen (2006), o texto chamado de multimodal é “qualquer texto cujos significados são realizados através de mais de um código semiótico¹” (p.177). A

¹“and any text whose meanings are realized through more than one semiotic code is multimodal” (Kress e van Leeuwen, 2006)

multimodalidade discutida na Gramática de *Design Visual* advém das noções de metafunção da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1985), que parte do pressuposto de que nossas escolhas sempre estão inseridas em um contexto social no momento da situação comunicativa. Para o teórico britânico, a linguagem é compreendida como um modo semiótico ao qual se recorre para dar significado àquilo que se pretende expressar. Por ser esse modo semiótico de expressão, foram identificados três tipos de formas de se apresentar as metafunções: ideacional, interpessoal e textual.

A metafunção ideacional pode ser entendida como uma função responsável pela representação ou construção de experiências no mundo exterior e interior, e se faz por meio do sistema de transitividade. Já a metafunção interpessoal diz respeito à maneira como os usuários utilizam o sistema de modo e de modalidades para interagir entre si e com seus interlocutores, de acordo com o papel que cada um assume na comunicação. A metafunção textual, por sua vez, aponta a maneira como o recurso da linguagem é manejado para se dar a organização e a disposição na estrutura textual por meio da coesão e do tema.

Halliday tem sua base teórica centrada no funcionalismo que envolve relações paradigmáticas e semânticas da língua. O autor trata de uma gramática sistêmica para poder lidar com a língua de forma metafuncional. Essa gramática sistêmica se constitui a partir de *traços e funções*. Os traços remetem às relações paradigmáticas, já as funções estão no campo das relações sintagmáticas (NEVES, 1999, p. 60). Nesse sistema, os *traços* são responsáveis por formar uma rede de relações que envolvem escolhas entre as possibilidades dadas pelo paradigma, a fim de que cada escolha produza um significado.

Neves (1999, p. 60) aponta que “[n]a verdade, uma rede sistêmica constitui um conjunto finito de traços, um complexo de interdependências existentes entre os traços de determinados paradigmas.” Nesse sentido, Halliday (1985) opta pelo estudo de uma gramática funcional, visto que a língua em “uso” será seu maior interesse como objeto de estudo. Diante disso, a língua será composta por componentes funcionais, que são elementos intrinsecamente atrelados aos significados. Por isso, a necessidade de buscar compreender, nas metafunções composicional, interativa e interpessoal, como os elementos funcionam na relação com os outros, em orações, em expressões, em tudo que apresente significação na manifestação linguística.

Ancorados nessa perspectiva funcionalista, Kress e van Leeuwen (2006) irão propor, na Gramática do *Design Visual*, que as metafunções sejam aplicadas à análise das imagens quanto à sua disposição, à focalização e à construção de sentido, constituindo os significados representacional, interativo e composicional. Nesse ponto, vale destacar a

relevância em aprofundar os estudos dessas categorias, para saber em que medida elas influenciam os processos correferenciais em gêneros com estrutura verbo-imagética, como a charge, que articulam imagens e recursos linguísticos na construção do sentido.

Tendo em vista essas considerações, incluímos na análise dos processos referenciais das charges alguns critérios que envolvem os aportes teóricos da Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006). Assim, tomamos a charge segundo a descrição de Cavalcanti (2008), que a caracteriza como pertencente à coluna de opinião, de editoriais, ou à primeira página do jornal devido à transmissão de informações que envolvem fatos. Além disso, a charge tem efeito humorístico e crítico, ao mesmo tempo, tratando de algum tema já conhecido pelos leitores e trazendo uma visão crítica do desenhista ou do jornal. Em sua maioria, o texto chárgico, como chama Cavalcanti (2008), apresenta figuras, por meio de caricaturas e símbolos, que podem existir no mundo real. É de extrema necessidade que a construção da charge, atendo-se à caracterização do ambiente e à simbolização do tema tratado, forneça os dados elementares para a efetiva compreensão do leitor.

Dessa forma, ressaltamos o que diz Bakhtin (2011, p. 262) sobre as múltiplas formas de composição de um gênero discursivo, pois, para o autor, devemos considerar que “o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado”. É essa união que permite a formação dos gêneros discursivos e, conseqüentemente, a (re)criação dos sentidos que os compõem.

Além disso, tratamos do aspecto intertextual, segundo Brito, Cavalcante e Zavam (2017), e argumentativo, conforme as considerações de Meyer (2007), presente nas charges. Esse gênero do discurso se constitui com base em outros gêneros dos jornais periódicos para reproduzir algum tema do cotidiano, por isso lidamos com a noção de intertextualidade ser um traço constituinte da charge. O traço argumentativo também está presente, pois corroboramos o pressuposto de que a argumentação perpassa todos os gêneros. A charge se mostra argumentativa principalmente por seu caráter ideológico.

Sabemos que as investigações a que se propõe a Linguística Textual (LT) estão voltadas para os mecanismos e os processos de estratégias sociocognitivas responsáveis pela (re)construção dos sentidos. Muitos estudos mais recentes acrescentam ainda a necessidade de a LT abranger outros aspectos que fazem parte da composição textual e que influenciam o sentido atrelado ao texto. Porém, ainda não há tantos estudos que tratem dessa relação entre linguagem verbal e não verbal como intrínsecas para a construção de sentidos do texto. Assim, Cavalcante e Custódio Filho (2010) reforçam a necessidade de analisar a

multimodalidade dos textos devido à relação, em maior ou menor profundidade, da parte verbal com a parte não verbal. Um exemplo disso seria a frequente ocorrência em reportagens do acréscimo de alguma imagem para chamar a atenção do leitor. Silva (2013) analisou esse tipo de estratégia ponderando sobre a possibilidade de introdução referencial por meio de expressões referenciais e imagens. Porém, a tese do autor deteve-se mais às expressões referenciais do que propriamente aos aspectos relevantes da imagem. Tomamos como relevante desse trabalho o fato de imagens indicarem introduções referenciais nas análises propostas. Mas, além disso, temos como objetivo avançar na observação dos traços imagéticos que estão atrelados aos sentidos do texto, por isso a escolha das metafunções da Gramática do *Design Visual*.

Ramos (2012) já havia proposto uma análise das estratégias referenciais em textos multimodais. O pesquisador escolheu tiras cômicas brasileiras para o *corpus*. Algumas delas compostas somente pela parte imagética, e outras compostas pela linguagem verbal e não verbal. As constatações dessa pesquisa foram: a possibilidade de aplicação das categorias concernentes à LT ao texto multimodal, a confirmação de que os processos de instauração, de retomada e de recategorização de objetos de discurso ocorrem nos aspectos verbais e visuais e, por fim, a constatação de que as recategorizações são relevantes para compor o sentido das histórias analisadas, visto que, na maioria das vezes, eram responsáveis pelo efeito de humor criado nas tiras cômicas. Dessas implicações, não foi considerado todo o aparato teórico que a Gramática do *Design Visual* poderia/pode proporcionar para análises mais minuciosas do caráter imagético na composição de textos multimodais. Por isso, insistimos em convocá-la para nossas análises e apresentar que aspectos relevantes a GDV traz para colaborar com as discussões de referenciação.

Nesse sentido, vale observar as contribuições de Custódio Filho (2011), as quais afirmam a possibilidade de elaboração de objetos de discurso a partir de todas as semioses que constituem o texto. O autor também defende que não há necessidade de menção contextual, ou seja, não há a necessidade de um sintagma nominal específico para o estabelecimento ou transformação de referentes, conforme se lê em Cavalcante (2011). Isso nos leva a crer que há possibilidade de uma imagem se constituir anaforicamente para que o referente seja retomado. Mostramos, neste trabalho, que não apenas as imagens podem representar referentes retomados, mas também que elas podem apenas insinuá-los. Também mostramos que os traços imagéticos podem representar ou evocar referentes, como afirmam Cavalcante e Brito (2017).

Custódio Filho (2011) analisou expressões referenciais em episódios do seriado

Lost e em um conto de Ignácio de Loyola Brandão para demonstrar o que propunha com suas categorias de acréscimo, de correção e de confirmação de referentes. A maior contribuição do autor, que fundamenta o presente trabalho, se deu no âmbito das recategorizações, ao descrever minuciosamente o caráter não linear das construções referenciais. O pesquisador optou por não usar as categorias de análise propostas pela GDV para a imagem. A escolha foi justificada pelo fato de ele analisar imagens dinâmicas, e a GDV se propor apenas a uma análise de imagens estáticas. Nesse sentido, optamos por uma análise de charges em jornais impressos devido à sua característica estática, mas não desconsideramos a importância e a influência que as metafunções da GDV poderiam ter numa aplicação a textos verbovisuais dinâmicos. Além disso, Custódio Filho argumenta sobre a diferença que há entre a LT e o Funcionalismo em relação à abordagem pragmática feita por este. Porém, o pesquisador admite que há um forte elo entre a GDV e a LT nos seguintes aspectos: a) no momento da interação, o caráter sociodiscursivo deve estar em evidência quando se trata do estudo dos sentidos; b) a linguagem verbal não é o único meio quando se trata do “processo de atribuição de significados” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 78). É devido a essas constatações do pesquisador que nos propomos a uma pesquisa que demonstre de que forma as categorias emergentes da GDV podem auxiliar a análise das introduções e das anáforas em textos verbo-imagéticos, como a charge, visto que “as imagens também são responsáveis pela construção dos referentes acionados pelo texto, podendo ocupar o mesmo lugar de construções linguísticas designadas para tanto.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 78).

A não utilização de categorias da GDV impulsionou o pesquisador a criar um método de análise, como já citamos acima, para a interpretação da relação entre os processos referenciais. As categorias de análise propostas por Custódio Filho (2011) foram retomadas por Cavalcante e Brito (no prelo) e analisadas do ponto de vista funcional. Assim, as autoras sugerem que as introduções cumprem, conforme já afirmara Custódio Filho, a função de *apresentar* os referentes. As autoras redistribuem os papéis das anáforas e pleiteiam que elas sempre recategorizam. Nesse percurso de transformação, as anáforas cumpririam as funções de *confirmar* (manter) e de *promover acréscimos* (fazer progredir) os objetos de discurso. Nossa pesquisa se baseia nesses pressupostos para considerar as possíveis relações entre a referenciação e os traços imagéticos descritos pela GDV.

Citamos ainda a tese de Oliveira-Nascimento (2014), que analisou de forma mais concentrada a metafunção composicional e suas correlações com os processos referenciais no vídeo *Vida Maria*, de Márcio Ramos. A abordagem da autora focou a construção do referente por parte de leitores selecionados previamente. Assim, a pesquisa se desenvolveu com o

intuito de demonstrar as estratégias de leitura mobilizadas pelos leitores no momento em que as cenas do curta-metragem eram passadas. Ao haver uma representação dos participantes nas cenas de acordo com as categorias de enquadramento, saliência e valor informativo, a pesquisadora constatou que elas orientaram o olhar do leitor para possibilitar a construção referencial. Esta constatação é de grande importância para nossa investigação, que também busca analisar como certos traços imagéticos evocam referentes ou os representam.

A pesquisa de Oliveira-Nascimento nos levou a elaborar a hipótese geral de que é pertinente progredir para a aplicação não só da metafunção composicional, mas também invocar os elementos propostos pelas metafunções representacional e interativa para evidenciar aqueles que mais são pertinentes na construção dos objetos de discurso. Já temos aí um avanço nas investigações que se propõem a procurar recorrências entre a linguagem verbal e não verbal no que tange a construção de sentido dos textos.

Outro estudo que merece destaque aqui é a tese de Silva (2014), que propôs uma análise em tiras e anúncios publicitários para verificar a identificação e a correlação dos objetos de discurso a partir da representação imagética. A autora optou por imagens estáticas, o que possibilitou uma análise mais apurada das categorias da GDV. Foi possível constatar a identificação dos objetos de discurso nos textos verbo-imagéticos, partindo da noção de menção não cotextual postulada por Cavalcante (2011). Silva (2013) também constatou que há uma maior ocorrência de introdução referencial e de anáforas diretas quando da menção não cotextual. Outras evidências encontradas foram a relação de aparição dos objetos de discurso tanto nas expressões verbais, quanto nos elementos imagéticos e o caso de o processo de recategorização emergir de todos os casos de processamento analisados. Ainda assim, percebemos a necessidade de relacionar os mecanismos de metafunção representacional – narrativa de ação e/ou de reação e os processos conceituais – e investigar de forma que os vetores se responsabilizariam pela indicação do referente apresentado ao leitor e se haveria uma conceituação muito simbólica acrescida aos referentes.

Em um artigo de Forte-Ferreira e Lima-Neto (2013), há uma pesquisa voltada para a análise dos recursos multimodais na construção de recategorização dos objetos de discurso. A abordagem é embasada pelos pressupostos da LT ao assumir o texto como composto de múltiplas semioses e da GDV, porém, ao analisar algumas postagens da rede social *Facebook*, os autores se restringem à confirmação de que os recursos multimodais influenciam no processo de recategorização. A utilização de imagens estáticas possibilitou uma observação mais precisa, embora as categorias de cada metafunção não tenham sido exploradas de forma a demonstrar como agem na construção do referente. Desta feita,

percebemos o quão necessário se fez aplicar a metafunção representacional e interacional para aprofundar as análises e eleger aqueles recursos que são responsáveis por introduzir e recuperar os referentes a partir da composição imagética. Assim, pretendemos fazer avançarem essas constatações ao relacionar as metafunções da GDV aos processos referenciais, no que concerne ao caráter multissemiótico do texto e à sua construção de sentido por meio de tais recursos.

Vários outros trabalhos procuraram estabelecer a relação entre a GDV e a construção de sentido dos textos, mas não exatamente focalizando os processos referenciais. Citamos Petermann (2006), que já buscava as devidas conexões entre cada metafunção e sua influência sobre a representação do mundo. As análises da autora contemplaram anúncios publicitários impressos para exemplificar como se constituem as estruturas representacionais e como elas dão significados para os objetos representados pelos aspectos imagéticos.

Diante das diversas discussões propostas pelos autores citados, lançamos o seguinte questionamento geral, norteador da pesquisa: de acordo com os parâmetros da LT e da GDV, como as metafunções descritas pela Gramática do *Design Visual* colaboram para a análise das pistas imagéticas envolvidas nos processos de introdução e de retomada anafórica (direta ou indireta) do referente nas charges?

É nesse sentido que desenvolvemos as análises, a partir de um quadro que relacione as metafunções da GDV e os processos referenciais, das charges escolhidas para essa pesquisa. Temos em vista as seguintes hipóteses: a) em relação à metafunção composicional, os critérios de saliência e enquadramento constituem pistas recorrentes para a introdução de referentes nos textos em análise, mas é possível ainda que esses aspectos indiquem a construção de relações anafóricas indiretas; b) no que tange a metafunção interativa, observamos que o contato e a distância social, quando relacionados ao conteúdo da imagem, ativam o processo de introdução e de retomada dos referentes por anáfora direta, principalmente se aliada à metafunção representacional; c) no que se refere à metafunção representacional, tem-se as subclasses narrativa e conceitual atuando concomitantemente para a ativação dos referentes.

Assim, apresentamos, no primeiro capítulo, os pressupostos que elencamos acerca da Linguística Textual, segundo Mondada & Dubois (1995), Marcuschi (2000), Koch (2004), Koch e Elias (2006), Cavalcante (2011, 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Tratamos, então, especificamente dos conceitos que envolvem a referenciação, o texto, o contexto e a coerência. Além disso, caracterizamos o gênero charge e indicamos como se dá a ocorrência da argumnetação e da intertextualidade nesse gênero discursivo. No segundo

capítulo, abordamos a Gramática do *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), enfatizando e esmiuçando as metafunções propostas pelos autores. Também justificamos a escolha de algumas subclasses das metafunções e de que forma elas contribuem para a construção dos referentes ao apresentar as funções de apresentação e de recategorização de referentes. Em seguida, abordamos, no capítulo 3, a metodologia utilizada para a execução da nossa pesquisa. Por fim, trazemos o capítulo 4 com as análises da construção do referente e a influência das metafunções da Gramática do *Design Visual* para esse processo.

1. LINGUÍSTICA TEXTUAL: DE ONDE PARTIMOS

1.1. Texto, contexto e coerência

Para iniciarmos o estudo ao qual nos propusemos, faremos uma passagem pela literatura que trata das noções de texto, contexto e coerência no âmbito da LT. Nessa primeira parte, apresentamos a base teórica que sustenta esta pesquisa no que diz respeito aos pressupostos da LT.

A noção de texto que adotamos nessa pesquisa se distancia bastante do que era estudado na primeira fase da Linguística Textual, como explica Koch (2004), ao mostrar o percurso de transição da gramática da frase para a gramática do texto. Em um primeiro momento, os autores tentavam transpor a análise realizada em frases para uma análise do texto. Havia uma preocupação em apenas descrever os critérios para a existência de um texto e, a partir daí, delimitar e diferenciar as espécies de textos. Até aí, tínhamos o texto como uma frase mais bem elaborada, com maior nível de complexidade (KOCH, 2004). Essa ideia levava a conceber o texto como uma sequência pronominal, visto que esta era a maior responsável pela coesão textual. Havia a noção de correferencialidade apenas construída por pronomes, que eram vistos em sentido amplo, como “toda e qualquer expressão linguística que retoma, na qualidade de *substituens*, outra expressão linguística correferencial” (KOCH, 2004, p. 4). Dessa forma, as relações referenciais se restringiam a processos anafóricos e catafóricos. Outras relações, como os fenômenos remissivos não correferenciais, as anáforas, as relações dêiticas, eram pouco consideradas em análises textuais. Diante disso, os estudos se concentravam mais nos recursos de coesão textual, a qual englobava, para muitos estudiosos, a coerência.

Uma preocupação surgiu entre os linguistas de origem gerativista no que diz respeito à constituição de gramáticas textuais que se assemelhassem às gramáticas da frase. Nesse momento, concebia-se o texto como uma “unidade linguística mais alta, superior à sentença” (KOCH, 2004, p. 5). Koch (2004, p. 5) ressalta que os objetivos de uma gramática de texto eram os seguintes:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade;
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais;

c) diferenciar as várias espécies de textos.

Para estabelecer tais delimitações, percebeu-se que os falantes já teriam a competência necessária para distinguir uma unidade de sentido bem desenvolvida daquela com certas inadequações. Por isso, atribuiu-se uma competência textual aos falantes. Visto que o texto agora era a unidade maior de análise e desencadeava a segmentação de unidades menores, muitas gramáticas de cunho textual surgiram, como a de Weinrich (1964, 1971, 1976), de Petöfi (1973) e van Dijk (1972), cada uma com suas especificidades em termos de análises.

Em meio ao surgimento de tantas gramáticas textuais, percebeu-se a necessidade de olhar o texto como processo de interação, durante a chamada virada pragmática. Muitos autores começaram a desenvolver teorias sobre os textos levando em consideração as interações entre interlocutores. Para haver uma efetiva produção de sentido, compreendeu-se que era preciso uma troca de informações compartilhadas durante o processo de comunicação. Isso permitiu que os estudiosos do texto atribuíssem também um processo de cognição ao entender o texto como “resultado de processos mentais” (KOCH, 2004 p. 21). A partir daí, os textos foram concebidos pelos estudiosos da LT como resultado de uma interação sociocognitiva, que exige dos interlocutores uma gama de conhecimentos socioculturais compartilhados durante a produção e recepção de tais textos. Assim diz Koch (2004, p. 31) que

... na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente.

Cavalcante e Custódio Filho (2010) reforçam essa ideia de incluir as estratégias sociocognitivas no conceito de texto abarcado pela LT, pois “a disciplina sempre se preocupou com as questões envolvidas no processamento mental do texto, tanto na produção quanto na recepção, desde os estudos de Beaugrande e Dressler e de van Dijk, principalmente.” Dessa forma, foram estabelecidas tais estratégias sociocognitivas que atuam no processamento textual ativando conhecimentos já armazenados na memória dos falantes (KOCH; ELIAS, 2006 p. 39). Esses conhecimentos foram denominados de linguístico, de enciclopédico ou de mundo e de interacional. O primeiro está relacionado ao reconhecimento dos mecanismos linguísticos que estruturam os textos. O segundo tipo de conhecimento

abrange o repertório sociocultural dos falantes para a compreensão textual. Por fim, o último conhecimento trata das “formas de interação por meio da linguagem” (KOCH e ELIAS, 2006 p. 45). No exemplo a seguir, veremos como esses conhecimentos são ativados.

Imagem 1 – Anúncio publicitário



Fonte: <http://flaviogomes.grandepremio.uol.com.br/category/publicidade/page/3/>

O conhecimento linguístico é ativado quando nos deparamos com os enunciados “Fusca. Agora na faixa da esquerda.”, “Novo Fusca. O carro voltou.” e vários outros referentes à marca Volkswagen. Esses conhecimentos se imbricam ao conteúdo representacional que há na imagem do carro na estrada. A partir dessa leitura, o interlocutor ativa seu repertório sociocultural ao inferir que o Fusca é visto como um automóvel que deve andar na faixa da direita, pois não roda com velocidade alta. O conhecimento interacional permite ao interlocutor perceber que o gênero anúncio foi bem elaborado para apresentar a nova versão do Fusca e persuadir o leitor quanto às inovações do carro. Todos esses conhecimentos são ativados concomitantemente para invocar no leitor uma reconstrução da coerência do texto neste contexto específico.

A partir daí, as discussões acerca do contexto tomaram novos rumos. Ainda nos estudos das análises transfrásticas, o contexto estava muito preso às substituições lexicais de formas do cotexto, ou seja, era determinado principalmente pelos elementos linguísticos (que constituíam a superfície textual). Atualmente, assumindo a influência dos pressupostos sociocognitivos para a compreensão dos textos, entende-se que o contexto se constrói durante

a interação dos indivíduos. Assim, no texto acima, é preciso que os interlocutores resgatem da memória pelo menos os conhecimentos socioculturais básicos existentes sobre o carro Fusca para que a situação mostrada no anúncio seja compreendida.

Essa dinamicidade atribuída à compreensão e à apreensão dos sentidos propiciou uma redefinição do que propunha a LT para a noção de texto. Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 60) dizem “que a perspectiva assumida na atualidade investe no entendimento do texto como um artefato dinâmico, daí ser possível tratá-lo como um evento”. Esse evento, proposta advinda de Beaugrande (1997), é o que resulta da interação dos interlocutores por meio da linguagem, seja ela verbal, seja ela não verbal. Ainda tomando como exemplo a imagem 1, podemos constatar que o apelo imagético é muito forte, principalmente em anúncios publicitários. Por isso, a necessidade de repensar *texto* e *contexto* diante das diversas formas semióticas de manifestação da linguagem, visto que no momento da interação cada forma pode se constituir com um sentido e formar um *todo de sentido*. É o que afirmam Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64):

Podemos dizer, então, que a já aludida natureza multifacetada do texto comporta em sua constituição a possibilidade de a comunicação ser estabelecida não apenas pelo uso da linguagem verbal, mas pela utilização de outros recursos semióticos. [...] Subsumida à tese de que há textos sem a presença do verbal, encontra-se a ideia de que o reconhecimento dos estímulos diversos que chegam a nossos órgãos sensoriais nos chama constantemente à atividade de interpretar para produzir sentidos.

Diante dessa constituição da materialidade textual, acreditamos ser necessário analisar os aspectos imagéticos em charges, pois se revelam como elementos linguísticos. Tais elementos devem seguir um parâmetro de análise, já que indiciam processos referenciais e se constituem como produção de sentido, como defendem Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64)

Defendemos que o pesquisador deve assumir toda a complexidade do objeto texto e propor análises que deem conta dessa multiplicidade, considerando-se que, ainda que se configurem como não verbais, as diferentes manifestações semióticas ou os diferentes processos envolvidos em situações de interação sem o verbal passam por um tratamento linguístico quando da interpretação; essa seria a decisão mais coerente com o panorama atualmente delineado nos estudos sobre o texto.

Entendemos aqui que essas atribuições feitas pelos diversos modos semióticos estabelecem uma coerência na produção de sentido. Tomamos por coerência “uma unidade de sentidos de um texto” (CAVALCANTE e CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 61) em que cada

interlocutor elabora essa unidade a depender dos seus conhecimentos ativados. No caso da charge, e não só nela, percebemos que as estratégias sociocognitivas ativadas para o entendimento do texto se apoiam na parte verbal e não verbal concomitantemente. Tudo isso leva à constituição da coerência e, conseqüentemente, de sentido do texto produzido.

Após essa explicitação dos conceitos acerca de texto, contexto e coerência, segundo a LT, damos continuidade às discussões teóricas no que concerne aos estudos sobre referenciação. Assim, podemos descrever todos os processos sobre os quais nos debruçamos nesta pesquisa.

1.2. A referenciação

Tratamos aqui do embasamento teórico sobre a referenciação e os processos referenciais, principalmente aqueles aos quais damos ênfase em nossas análises nas charges.

Tomando por base que “referentes são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto” (CAVALCANTE, 2011, p. 15), iniciamos nossa discussão acerca da referenciação e dos processos referenciais. Não podemos confundir referente com significado, embora sempre recorramos ao segundo para uma melhor compreensão do primeiro. Devemos ter discernimento de que o referente está relacionado a uma construção mental compartilhada entre interlocutores, porém que jamais se constituirá na mente de cada interlocutor da mesma forma. A este processo dinâmico de construção de referentes, damos o nome de referenciação.

Em conformidade com os estudos de Mondada e Dubois (1995), amparamo-nos na ideia de que há instabilidade entre as coisas do mundo e suas diversas representações por meio da linguagem. Porém, sabemos que essa instabilidade deve encontrar um ponto de estabilização no momento da interação entre interlocutores, pois o conhecimento compartilhado será levado em conta por eles. Por isso, para tratar da referenciação, deve-se partir do pressuposto sociocognitivo desse processo, pois ele envolverá o cognitivo, em termos de construção do referente, e o social, em termos de identificação e de construção conjunta desse referente dentro do contexto em que se encontram os interlocutores. Assim, se dissermos “A mesa está com defeito”, ativamos imediatamente o reconhecimento do referente “mesa” devido ao fato de o compartilhamento da significação já ser estabelecido socialmente. Ainda arriscaríamos indicar o defeito específico, ou pelo menos o imaginaríamos, visto que conhecemos as partes principais que constituem o objeto “mesa” e tentaríamos associar os conhecimentos com as pistas situacionais da enunciação particular.

Com esse exemplo, podemos então estabelecer a relação entre a referenciação e a coerência de um texto. Se um dos interlocutores da oração tomada como exemplo acima supusesse que o defeito seria no motor da mesa, logo estranharíamos tal colocação, pois é do conhecimento compartilhado de todos que seria, no mínimo, inusitado uma mesa ter um motor. Dessa forma, exemplificamos o quanto a referenciação é parte relevante na construção da coerência textual, pois o referente é responsável por integrar a unidade de sentido de um texto. Esse processo se dá por meio das expressões referenciais, que ora introduzem referentes, ora promovem retomadas, seja direta, seja indiretamente, reconstruindo ou reformulando aquilo que é dito para a identificação de referentes.

Nesse sentido, conforme Cavalcante (2011, p. 53), “todo processo referencial é viabilizado por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível a partir de pistas muito diversificadas.”. Tais pistas podem ser mencionadas ou não no cotexto, que aqui tomamos como os elementos da superfície textual (CAVALCANTE, 2013). De alguma forma, tais pistas são identificadas e norteadas pelo conhecimento sociocultural já partilhado entre os falantes.

Passamos a denominar, daqui por diante, referentes também como objetos de discurso, conforme Mondada e Dubois (1995), visto que compõem unidades de representação por meio da linguagem. Em sua tese, Mondada² (1994, p. 62, tradução nossa) já defendia a expressão objeto de discurso, e não do discurso, porque, segundo ela, “Se o ‘objeto do discurso’ se limita a reenviar ao objeto que é tratado pelo discurso, aquele ao qual o discurso faz referência, o ‘objeto de discurso’ é um objeto constitutivamente discursivo, construído pelos meios e processos linguísticos”, isto é, o objeto de discurso é fruto de uma negociação que se estabelece na interação e dela deriva. Dito isso, podemos tratar dos processos referenciais negociados no contexto, segundo a classificação de Cavalcante (2011, 2012), sendo eles a introdução referencial, as anáforas e a dêixis. A essa última, não damos tanta ênfase devido à escolha, nesta dissertação, de analisar apenas introduções e anáforas em charges, visto que não teríamos tempo hábil para uma pesquisa tão extensa.

1.2.1 Introdução referencial e anáforas

A introdução referencial será responsável pela primeira apresentação do referente

² “Si l’objet du discours se limite à renvoyer à l’objet qui est traité par les discours, celui auquel le discours fait référence, l’objet de discours, constitutivement discursif, construit par des moyens et des processus linguistiques.” (MONDADA, 1994, p. 62)

no cotexto. Essa apresentação não precisa, necessariamente, corresponder a uma expressão referencial que o represente, pois, conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), os traços do cotexto, quer verbais, quer não verbais, podem às vezes só evocar referentes. Vejamos o exemplo abaixo.

Sopa de macarrão

O filho (01) olha emburrado o prato vazio, o pai pergunta se não está com fome.

— Com fome eu tô, não tô é com vontade de comer comida de velho. Lá da cozinha a mãe diz que decretou — De-cre-tei! — que ou ele come legumes e verduras, ou vai passar fome.

— Não quero filho meu engordando agora para ter problemas de saúde depois. Só quer batata frita e carne, carne e batata frita!

[...]

Domingos Pellegrini – Crônica brasileira contemporânea. São Paulo: Salamandra, 2005. p.210-3.

Em 01, temos uma introdução referencial bem evidente a partir de uma expressão nominal, visto que o filho é apresentado aos leitores logo no início do texto. Esse é o caso mais clássico de introduções referenciais em textos. Em nossa proposta, colocamos em evidência o caráter imagético de introduções referenciais. Observemos a imagem abaixo.

Charge 1 – Charge Dilma e Lula



Nesse texto, temos dois personagens representados, Dilma e Lula. Se fizermos uma leitura convencional, da esquerda para a direita, teremos Dilma como introdução referencial e Lula como outra introdução. A leitura da expressão verbal “Ajuda a caminho” nos parece ser a última coisa lida. Porém, a leitura de textos multimodais nem sempre se dá dessa forma mais tradicional. Logo, a depender de aspectos mais ou menos relevantes no que diz respeito à composição do texto, é que poderíamos indicar mais precisamente que elemento se constituiria como introdução. Por isso, acreditamos na necessidade de estudar todos esses aspectos de constituição do texto.

Uma discussão acerca das introduções referenciais se dá a partir da tese de Silva (2013), que tratou especificamente desse processo referencial. O autor propõe em suas análises que há ocorrências em que o objeto de discurso é introduzido e ao mesmo tempo recategorizado. No exemplo abaixo, podemos observar como o autor constrói seu pensamento. Silva (2013) já afirmava que o processo de introdução de referente se daria tanto pela imagem quanto pela nota “Filha de peixe”. Além disso, o autor afirma que, se considerarmos a expressão “Filha de peixe” como introdução referencial, também deveremos reconhecer aí uma recategorização de Patrícia Abravanel, que será descrita na reportagem. O interlocutor, além de acionar Patrícia Abravanel como uma introdução ao referente, ainda infere que a garota teria a mesma desenvoltura do pai, Silvio Santos, em seu trabalho na televisão. A expressão “Filha de peixe” remeteria diretamente ao ditado popular “filho de peixe, peixinho é”.

Imagem 2 – Exemplo de introdução referencial e de recategorização

(37) Figura 12



(Nota jornalística, Revista Época, 06 de agosto de 2012, pág. 48)

Fonte: SILVA (2013)

Em trabalhos recentes, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) defendem que a introdução referencial deve ser sempre e apenas aquilo que revela a primeira aparição do referente.

Uma introdução referencial é instaurada somente quando, durante o processo de compreensão, um referente (ainda que não manifestado por uma expressão referencial) é construído pela primeira vez na mente do coenunciador do texto/discurso. Esse referente pode (ou não) ser retomado anafóricamente ao longo do texto. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014, p. 60)

É esse último ponto de vista sobre a introdução referencial que adotamos nesta pesquisa, por isso não encampamos a ideia de que pode existir uma introdução referencial recategorizadora. Caso contrário, não teríamos como estabelecer limites entre o processo de introdução e anáforas, pois a recategorização de um referente é sua retomada com um acréscimo de sentido. Se as anáforas tratam das retomadas (diretas ou indiretas) dos referentes para garantir a progressão textual, como diferenciaríamos o que introduz e o que retoma o referente? Assim, admitimos que as introduções referenciais apresentam primeiramente o referente para que haja a possível retomada dele posteriormente.

Quando os referentes passam a ser mencionados de forma que os identifiquemos a partir de pistas dadas (e assim tais referentes serão construídos na mente dos interlocutores), então temos o processo anafórico, direto ou indireto. Todo processo anafórico, segundo Cavalcante e Brito (2017) promove, ao mesmo tempo, função de manutenção e de recategorização de referentes.

Vejamos o primeiro parágrafo da crônica *Meu Deus, me cura de ser grande*, de Rubem Alves:

O CÉU ESTAVA ENFARRUSCADO. O vento soprava nuvens cinzentas desgrenhadas. Nem lua nem estrelas. Bem dizia minha mãe que em dia de chuva elas se escondem, por medo de ficar molhadas. A gente se lembrou de Prometeu: foi ele quem roubou dos deuses o fogo – por dó dos mortais em noites iguais àquela. Se não fosse por ele, o fogo não estaria crepitando no fogão de lenha. O fogo fazia toda a diferença. (ALVES, 2014, p.22)

Logo na primeira sentença, é apresentado ao leitor o referente “céu”. Nas orações seguintes, a expressão “Nem lua nem estrelas” é um exemplo de anáfora indireta, pois são elementos que, quando é ativado no leitor o *frame* de céu, já estão previstos para o contexto desse referente.

Em seguida, o pronome “elas” retoma os termos “lua” e “estrela” por processo de

correferencialidade, anáfora direta. O mesmo ocorre com o pronome “ele”, que em duas ocorrências retoma “Prometeu” diretamente. Esses processos de introdução e retomada constituem a progressão e a continuidade da narrativa, que cada vez mais se constrói pelo acréscimo de informações dadas a partir do referente introduzido. Para os leitores, é possível compreender a cena narrada devido às descrições feitas do céu, das nuvens.

Existem também as anáforas encapsuladoras, que têm como característica principal “resumir porções contextuais, isto é, o conteúdo de parte do contexto somado a outros dados de conhecimentos compartilhados” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 78). Vejamos uma ocorrência desse processo no texto abaixo.

[...]

Acabo de assistir a uma reportagem sobre crianças do Brasil que vivem do lixo. Digamos que são o lixo deste país, e nós permitimos ou criamos isso. Eu mesma já vi com estes olhos gente morando junto de lixões, e crianças disputando com urubus pedaços de comida estragada para matar a fome.

A reportagem era uma história de terror – mas verdadeira, nossa, deste país. Uma jovem de menos de 20 anos trazia numa carretinha feita de madeiras velhas seus três filhos, de 4, 2 e 1 ano. Chegavam ao lixão, e a maiorzinha, já treinada, saía a catar coisas úteis, sobretudo comida. Logo estavam os três comendo, e a mãe, indagada, explicou com simplicidade: "A gente tem de sobreviver, né?".

Não sei como é possível alguém dizer que este país vai bem enquanto esses fatos, e outros semelhantes, acontecem. Pois, sendo na nossa pátria, não importa em que recanto for, tudo nos diz respeito, como nos dizem respeito a malandragem e a roubalheira, a mentira e a impunidade e o falso ufanismo. Ouvimos a toda hora que nunca o país esteve tão bem. Até que em algumas coisas, talvez muitas, melhoramos. [...] (Lya Luft, Os filhos do lixo) (FONTE: <http://walkermoreira.blogspot.com.br/2012/04/compreensao-e-interpretacao-textual.html>)

A expressão “esses fatos” retoma e abrange toda a cena narrada pela autora do texto: uma jovem de 20 anos que possui muitos filhos e os leva para procurar comida no lixão. Além disso, também é possível retomar que há uma ocorrência rotineira dessa cena, tanto que a autora usa a expressão no plural.

Apresentamos como exemplo até aqui os processos referenciais identificados em textos apenas verbais. A partir dessas discussões, refletimos sobre a como as imagens também podem indiciar os referentes. Nosso trabalho se propõe a buscar esses processos nos textos verbo-imagéticos, visto que há um apelo para que essas imagens ativem significados diversos.

O texto acima, postado em um blog, poderia naturalmente vir acompanhado de alguma foto para ilustrar o que seria apresentado. Essa ação é comum nas mídias digitais, principalmente em notícias, por buscar atrair a atenção do leitor de forma instantânea. A própria autora do texto, Lya Luft, inicia sua fala a partir de uma notícia a que assistiu. Em

meio às imagens vistas pela TV e após a apreensão dos fatos narrados, a autora refletiu sobre a realidade mostrada e se inspirou para escrever sobre ela. Se houvesse uma imagem de crianças em um lixão, o número de leitores do texto de Lya Luft aumentaria? Haveria uma maior sensibilização dos leitores para os argumentos lançados pela autora sobre a realidade no lixão? Com certeza, podemos afirmar que uma imagem seria um bom atrativo para o leitor ter mais curiosidade sobre o texto, conforme afirmam Krees e van Leeuwen (2006), em sua Gramática do *Design Visual* – tratamos especificamente dela no capítulo 2. Esse olhar do leitor para a imagem antes mesmo de buscar a leitura do texto verbal no blog ativaria diversos conhecimentos que, para os estudos atuais nos quais nos pautamos, são tomados como introduções referenciais e anáforas recategorizadoras. A partir delas, o leitor já cria uma expectativa maior e mais diversificada para aquilo que verá no texto verbal.

Essas relações dos textos verbo-imagéticos podem ser ampliadas para a seguinte análise de alguns processos referenciais.

Charge 2 – Charge sobre juros



Fonte: Jornal O Povo - 11/11/2014

A charge acima está inserida no contexto de aumento dos juros sobre produtos e serviços básicos de necessidade da população brasileira. A imagem apresenta um trabalhador carregando os juros em suas costas, algo como um peso insustentável. A expressão referencial “juros” retoma o que a imagem indica, o peso de uma pedra, se tomamos a imagem como introdução referencial. A imagem também pode ser uma anáfora direta em relação à ideia de

“juros”, se entendemos que a palavra “juros” é a introdução referencial. Além disso, a partir da imagem, temos um personagem que possui uma expressão facial bem marcada sobre a situação que “sustenta”. Isso remeteria o leitor, por anáfora indireta, a inferir toda a situação do povo brasileiro, em que os mais pobres são os que mais pagam altos juros. Assim, linguagem verbal e não verbal não poderiam ser desvinculadas, visto o contexto em que se encontram, pois são intrinsecamente necessárias para a construção conjunta de referentes e para a negociação de sentidos do texto. São exemplos como esses que nos impulsionam para uma análise detalhada do fenômeno da referenciação quando lidamos com linguagem verbal e não verbal em um gênero.

1.2.2 Processos dêiticos

Os processos dêiticos são bem peculiares, porque “se definem por sua capacidade de criar um vínculo entre o contexto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação.” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 85). São subdivididos da seguinte maneira: dêixis pessoal, dêixis social, dêixis temporal, dêixis espacial, dêixis textual e dêixis de memória. Especificamos cada uma a partir de exemplos. Leiamos, primeiramente, o fragmento de texto abaixo.

CONSUMISMO. A gente sabe que a capacidade de querer e de viabilizar o desejo tem tudo a ver com a sobrevivência da espécie. Não só dos aspectos instintivos como comer, beber e proteger-se do frio, mas também de outros impulsos, como os sociais. Para que alguém seja capaz de se prover de comida, água e teto, precisa querer com força suficiente para conseguir vencer as naturais dificuldades. Mesmo em termos mais simples e primitivos, prover-se demanda esforço, cansaço e, sobretudo, atividade sistemática.

Tornou-se fácil alcançar a comida: estende-se o braço até a prateleira, aponta-se para o balconista ou faz-se uma encomenda por telefone. Bem diferente da obtenção de alimento em sociedades de coletores, pescadores ou caçadores.

Durante os milhares de anos que (01)nos separam deles, manteve-se viva a necessidade de querer. Agora, que nem dinheiro temos de carregar, o que fazer com essa matriz mental desejosa acoplada ao nosso viver?

(02)Atualmente o que chamamos de consumismo é "ter para ser", já que o sobreviver mudou tanto. Para uma parcela razoável da humanidade, sobreviver tornou-se fácil demais. Mas continuamos querendo, almejando como dantes, apesar de (03)hoje vivermos na era da abundância.

Inventamos novidades que só servem para termos ainda o que querer. [...] (04)Há poucos meses, uma mulher muito rica, bonita e bem casada confessou que, apesar disso, só era feliz na Daslu. E o pior é que ela não mentia. A criação sem fim de grifes é igual a uma fome que não dá para saciar.

O que mantém viva a (05)nossa vontade de viver é que, nem com todo o dinheiro do mundo, desaparece a nossa aptidão de desejar. Sem parar, criam-se produtos - tanto para saúde, beleza, culinária e para outros prazeres quanto remédios ou maquinaria-, tudo para economizar esforço e para gerar "conforto", desejo maior dos tempos modernos. Poder adquirir tudo o que nos é oferecido é sinal de poder. Só que esse

poder é para quê? [...]

Anna Veronica Mautner. Consumismo. Equilíbrio, suplemento do jornal Folha de S.Paulo, 7 jun.2007.

A dêixis pessoal é representada, principalmente, por pronomes para indicar que o locutor e o interlocutor são participantes da interação. No texto acima, as expressões “nos” e “nossa” são utilizadas pela autora para representar que ela se posiciona sobre o assunto e ainda inclui o leitor (interlocutor), o que se configura como dêixis pessoal. Uma “extensão” desse processo é a dêixis social, uma vez que se apresenta o modo como os relacionamentos sociais, de maior ou menor intimidade, se dão na interação. A exemplo disso, há a expressão “A gente”. Percebemos que, a todo momento, a autora do texto pretende chamar a atenção do leitor e convencê-lo de seus argumentos, então utiliza expressões que aproximam o leitor.

Expressões como (02)“Atualmente”, (03)“hoje” e (04)“Há poucos meses” são exemplos comuns de dêixis temporais. Esse tipo de dêixis é responsável pelas marcações de tempo que aparecem no discurso relacionadas ao *eu* falante. Se identificamos que espaço de tempo representa as expressões 02, 03 e 04, é porque o associamos ao tempo em que a colunista escreveu o texto. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) ressaltam o fato de a dêixis temporal se estabelecer apenas se o leitor identificar a que momento o locutor se refere no texto.

Assim como a dêixis temporal, a dêixis espacial também necessita de que o locutor seja o ponto de referência ou demarque esse ponto em relação a quem fala, por isso não é qualquer expressão remetendo a um lugar que pode ser considerada dêitica. Abaixo temos uma piada que traz um exemplo bem típico de dêixis espacial.

Fui almoçar ontem na casa de uma amiga. Quando terminamos de almoçar, ela me disse:

- Fiz o almoço, agora a louça é sua.

Peguei a louça, coloquei tudo em um saco plástico e fui embora. Agora a mulher (06) aqui na frente de casa com a polícia querendo a louça de volta...

(Fonte: www.piadas.com.br)

O termo grifado refere-se ao espaço em que se encontra a personagem que conta a história de forma humorada. Por conta desse contexto, podemos identificar a dêixis espacial nesse advérbio de lugar, (06)“aqui”.

A dêixis textual é um fenômeno bem particular, que leva em consideração o espaço de materialização do texto, como nesta ilustração dada por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 94): “Para exemplificar esse tipo de estruturação do desenvolvimento

argumentativo e sua relação com o tópico discursivo, apresentamos (07) a seguir a análise do artigo”. O termo 07 se configura como dêixis textual por transpor para o espaço metafórico do contexto o campo dêitico situacional. A expressão leva o interlocutor diretamente a um ponto textual indicado pelo próprio contexto, em que o locutor do texto marca sua última posição de fala. A partir dela, ele situa seu dizer num espaço/tempo anterior ou posterior.

Por fim, a dêixis de memória aponta para referentes que devem ser recuperados pelo interlocutor a partir de uma menção, como um conhecimento compartilhado. A exemplo, temos “E (08) aquela hora que vc pensa em comer algo e descobre: Só terá comida se vc fizer.... ahaaaahaaaaa..... :P” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 96). A expressão 08 remete ao interlocutor que ative um conhecimento compartilhado sobre o que será dito.

Percebemos que são muitos os processos referenciais, principalmente os que constituem a dêixis. Por isso, para essa pesquisa, optamos por trabalhar com a identificação apenas de introduções referenciais e anáforas, diretas e indiretas, nas charges, visto que a análise do *corpus*, além de ser algo muito novo para a literatura, demandaria um tempo maior de dedicação para tanto.

1.3. A charge

Iniciamos agora uma discussão acerca da conceituação do gênero charge. Os textos em quadrinhos, no geral, chamam atenção por apresentarem dois elementos gráficos distintos em suas composições: o verbal e o não verbal. Esses elementos se estabelecem numa relação de complementaridade que engloba o visual e o verbal. Segundo Lins e Gonçalves (2013), “...o que dá mais dinamicidade ao texto [em quadrinhos] são os balões.”, pois as autoras acreditam que eles, além de indicarem as falas dos personagens, estendem a significação do que é dito. Outros elementos, como as onomatopeias, também contribuem bastante para a composição de textos em quadrinhos. Para nossas análises em charge, talvez os balões não estejam tão presentes. A dinamicidade se dá mais na representação dos personagens ao realizarem alguma ação ou nas nuances de cores e de formas dadas aos objetos representados.

A parte visual torna-se imprescindível por, muitas vezes, preencher lacunas que não foram resolvidas pelos elementos verbais. A história contada nos quadrinhos se desenvolve a partir de um cenário montado pelo visual, que reproduz movimento e ações, atrelados ou não à composição verbal. Assim, Lins e Gonçalves (2013, p. 49) afirmam que:

Por se constituírem de textos escritos com pretensão de se mostrarem orais, já que são produzidos para aparentarem a modalidade oral da língua, pode-se afirmar que os textos de quadrinhos são textos escritos, mas que querem se fazer escutar.

É nesse sentido que os textos que misturam componentes orais com escritos constituem um gênero de espontaneidade verbal. Isso provoca uma noção de que o texto parece ser não planejado, mas, ao mesmo tempo, sabe-se que ele foi planejado para ter esse efeito. Assim, os textos de quadrinhos apresentam o aspecto dúbio de um gênero discursivo não oral em termos de realização dos falantes, mas oral devido ao verbal e ao visual se complementarem e atualizarem a cena enunciativa em que os personagens atuam numa determinada conversa face a face. Os textos que se constituem como quadrinhos podem ser diferenciados em caricatura, cartum, tira e charge. Elencamos as principais características dos três primeiros para, em seguida, diferenciar e estabelecer os limites que constituem as charges.

A caricatura foi a motivadora dos estudos sobre os quadrinhos. Existente, no Brasil, desde o século XIX, a caricatura sempre despertou a curiosidade por representar de forma grotesca pessoas e/ou fatos corriqueiros. O cartum, geralmente representado em apenas um quadro, tem como característica a apresentação de fatos, cenas, ideias, denúncias mais gerais. Assim, é definido com base num critério temático. Já a tira ocorre geralmente em três quadros para que se suceda uma sequência de fatos em um mesmo cenário, podendo ou não provocar o riso.

Diante dessas características, percebemos que não há critérios comuns definidores, pois, enquanto um é definido pelo tema, outro se caracteriza pelo número de quadros. Assim, para esmiuçar todas as características que definem a charge, é preciso passar por diversos aspectos da composição.

Primeiramente, podemos evidenciar a ocorrência das charges a partir de assuntos específicos, que, depois de um tempo, se tornam desatualizados diante da rapidez da disseminação de informações, principalmente daquelas advindas pelo meio virtual. Romualdo (2000) já concordava com tal aspecto ao afirmar que a charge compreende um “...texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”.

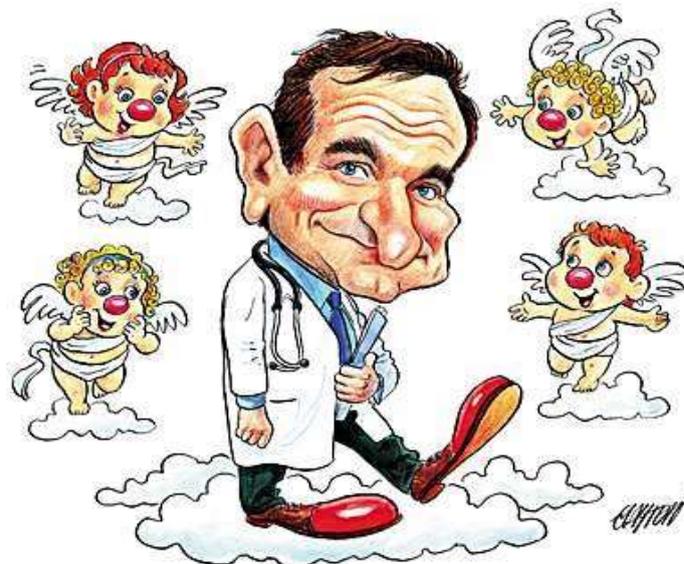
Muitos autores impõem à charge o caráter crítico relacionado à política. Conforme Miani (2012, p. 39), “...a charge é utilizada na sátira política como instrumento de crítica e

arma retórica de combate, bem como na defesa e divulgação de ideologias, princípios e programas políticos”. Essa é uma importante característica quando pensamos na relação que há entre esse gênero e a proposta da Gramática do *Design Visual*, pois Kress e van Leeuwen³ (2006, p. 14, tradução nossa) já apontavam o caráter ideológico de gêneros multimodais ao esclarecerem:

Embora neste livro nos concentremos nas regularidades vistas da comunicação visual, ao invés de sua utilização ('interessado', isto é político / ideológico), vemos imagens de qualquer tipo como inteiramente dentro do domínio das realizações e instâncias de ideologia, como meios - sempre - para a articulação de posições ideológicas.

Por isso, escolhemos trabalhar com charges de jornais por ser evidente o caráter ideológico presente nesse gênero. Quando há a representação de personagens políticos, por exemplo, já esperamos que sejam marcados por expressões caricaturescas, que demonstram uma expressão de boa ou má índole, a depender de como a mídia tem falado dessa pessoa. Além dessas temáticas, percebemos e acrescentamos que a charge pode envolver outros temas, principalmente, quando se trata de jornais locais. Temos como exemplo a seguinte charge:

Charge 3 – Homenagem a Robin Williams



ROBIN WILLIAMS ✕ 1951 ✕ 2014

Fonte: Jornal O Povo 13/08/2014

³ “Although in this book we focus on displaying the regularities of visual communication, rather than its ('interested', i.e. political/ideological) uses, we see images of whatever kind as entirely within the realm of the realizations and instantiations of ideology, as means – always – for the articulation of ideological positions.” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 14)

O tema escolhido para a charge foi a morte do ator Robin Williams, que comoveu muitas pessoas após ser bastante reconhecido por ter interpretado Patch Adams. Assim, já podemos afirmar que a charge se caracteriza muito mais por temas do cotidiano, abrangendo situações e/ou fatos corriqueiros. Nessa charge 3, confirma-se nossa colocação sobre o traço caricaturesco, pois o ator está representado com uma feição angelical, embora haja os exageros em sua face.

Outro aspecto a ser levado em consideração é em que parte de jornais a charge pode ser encontrada. Cavalcanti (2012, p. 38) constata que:

A charge encontra-se na página de opinião, de editoriais, ou mesmo na primeira página dos jornais porque transmite informações que envolvem fatos, mas é, ao mesmo tempo, um texto crítico e humorístico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal.

Esse aspecto apresenta relevância devido ao fato de a imagem chárstica chamar atenção do leitor para o fato que aparece em destaque na primeira página de um jornal, pois sabemos que a linguagem verbal e a não verbal juntas são fortes aliadas para deter a atenção e facilitar a compreensão de quem busca informações em jornais.

Em relação à forma, a charge se constitui em apenas um quadro e é composta por personagens, por um cenário e por elementos que se aproximam do real. Assim, a charge contém pistas importantíssimas para situar o leitor sobre o assunto tratado.

A linguagem verbal não é um elemento indispensável para a realização da charge. Muitos elementos linguísticos tornam-se imprescindíveis em alguns momentos, mas não é uma regra, pois a imagem se sobressai muito mais nesse gênero. Vejamos os exemplos seguintes.

Charge 4 – Seca no nordeste



Fonte: Jornal O Povo – 14/02/2014

Na charge 4, não há nenhum apelo à composição linguística para que a compreensão do texto se realize. O cenário da seca, a expressão sofrida do personagem e o gesto que ele faz em direção ao cacto já permitem compreender a crítica que se faz ao período de escassez de água. Bastam elementos visuais já convencionados entre os leitores para que o sentido do texto se estabeleça.

Por fim, caracterizaremos a charge como uma importante ferramenta disseminadora dos acontecimentos histórico-culturais, logo cumpre uma função social de muita relevância. Dessa forma, percebemos que as peculiaridades de forma, tempo, espaço e propósitos da charge aqui estabelecidos denotam o diferencial entre este e outros gêneros de estilo quadrinhos que existem.

1.4. A intertextualidade presente em charges

Nesta seção, tratamos de uma abordagem intertextual baseada em Cavalcante, Brito e Zavam (2017). As autoras tomaram como ponto de partida os estudos de Nobre (2014), que se baseia em Genette (1982) para discutir a intertextualidade. Essa breve discussão sobre teorias, visto que abordaremos as principais concepções acerca da intertextualidade, será de grande relevância para o entendimento da composição do texto chárstico. Vimos que é uma característica proeminente das charges remeterem a algum texto, de forma explícita, para se constituírem. Logo, “a charge é um gênero no qual a intertextualidade é um componente de base”, conforme Faria (2014). Nesse sentido, trabalhamos com a noção restrita de intertextualidade e levamos em consideração as seguintes situações: a) se um texto é constituído por partes de outro ou sofre alterações e deriva outro; b) se um texto apresenta uma imitação de algum gênero do discurso ou de estilo de um autor.

Os estudos acerca da intertextualidade iniciaram em torno dos gêneros literários, a partir das concepções de Kristeva (1974) e de Genette (1982). Genette foi responsável por elencar a categoria de transtextualidade para indicar as (co)relações existentes entre os textos. Esse conceito mais amplo foi dividido pelo autor em *paratextualidade*, *metatextualidade*, *arquitexteualidade*, *hipertextualidade* e *intertextualidade*.

A paratextualidade é a relação entre um texto principal e outros que o acompanham, como epígrafes, prefácios, títulos e vários outros chamados de paratextos. A metatextualidade se caracteriza por um comentário ou por crítica feita a algum texto-fonte, como o que ocorre com filmes que estreiam, e críticos consagrados escrevem sobre o desempenho do filme. Por arquitextualidade, devemos compreender como o gênero discursivo

se conecta ao texto. A hipertextualidade trata de um texto-fonte (hipotexto) que origina um outro texto, o hipertexto, geralmente ocorre como paródias, pastiches e outros. Por fim, temos a intertextualidade, que se constitui pela identificação de um texto em outro, seja por copresença, seja por derivação.

Quando Genette (1982) propôs a copresença, pensou em uma noção que se estabelece em uma escala de grau de explicitude e de implicitude do texto-fonte. Assim, os processos intertextuais por citação, por alusão e por plágio são diferenciados por esses critérios citados. Se na citação há a um reconhecimento rápido do texto-fonte, no plágio também ocorrerá, porém a explicitude do plágio é notória e evidente devido ao caráter de cópia literal do texto-fonte, sem autorização prévia. A alusão é o processo de menos explicitude, já que se trata de “uma referência indireta a um texto” (CAVALCANTE e BRITO, 2011, p. 269).

A esse processo de copresença, Piègay-Gros (1996) incluiu a referência para tratar de intertextualidade que é reconhecida a partir do momento que o “enunciador de um dado texto faz uma remissão direta a certa entidade constante em algum outro texto.” (CAVALCANTE e BRITO, 2011, p. 269). A partir disso, Cavalcante, Brito e Zavam (2017) conceberam como processos de copresença a citação, a paráfrase, a alusão e a referência.

A citação, por requerer elementos tipográficos bem marcados, e a paráfrase, por se tratar de um processo de adaptação de um texto com outras palavras, não serão abordados em nossas análises das charges. Levamos em consideração, portanto, as ocorrências de alusão e de referência nas charges apresentadas nesse trabalho, visto que a construção desse gênero se dá a partir de temáticas cotidianas em jornais, de modo a criticar e/ou satirizar alguma situação atual.

No exemplo abaixo, há uma referência em relação à cena do filme *Jurassic World*, de 2015. A cena foi muito criticada devido à atriz fugir de um dinossauro usando salto alto. O autor da charge aproveitou-se do mote para recriar a cena com os personagens Lula e Dilma. Na charge, porém, a ideia não é Dilma fugir de um dinossauro, mas ser socorrida por ele, representado com o rosto de Lula, num momento de instabilidade em seu governo, no ano de 2015. Assim, há uma menção direta à cena do filme e uma recategorização proposta a partir dos personagens que surgem.



Fonte: Jornal O Povo

Além da menção direta, há uma alusão ao fato de que o Partido dos Trabalhadores encontra-se em apuros, visto que a estrela, símbolo do partido, está em chamas nas mãos de Dilma. Essa ocorrência de entrecruzamento dos processos intertextuais é comum. Cavalcante e Brito (2011) ressaltam esses casos de concomitância entre processos, já que as classificações intertextuais são próximas e o fenômeno da referência por evocar diversas alusões no intertexto. No caso da charge acima, a figura de Dilma alude ao momento de tensão em seu governo.

Esse caráter intertextual está presente de tal forma nas charges que influencia toda a interpretação dada ao texto, visto que quanto mais o leitor é capaz de recuperar as informações que compõem a charge mais ele reconhecerá a crítica ali feita. Porém, não só a intertextualidade é componente marcante das charges. A argumentação se apresenta também como elemento importante em textos verbo-visuais. Tratamos disso no tópico seguinte.

1.5. Argumentação presente em charges

Como já afirmamos, o estudo de textos verbo-visuais tem se ampliado e se diversificado com mais intensidade ultimamente, por isso questões antes nem pensadas para a análise do não verbal começaram a surgir. Uma delas é a argumentação por apelo a recursos imagéticos. Pode haver um argumento construído por meio do visual? Como esse argumento

se constrói e colabora com o sentido do texto? Tais questionamentos já suscitaram algumas reflexões sobre o assunto, e é sobre isso que falaremos neste tópico.

Tomamos como base algumas proposições de Michel Meyer (2007), em sua obra *A retórica*, para tratar de retórica e argumentação. O autor, primeiramente, busca conceituar *retórica* ao abordar três grandes definições para depois mesclá-las. Meyer (2007) explicita as seguintes:

- (1) a retórica é uma manipulação do auditório (Platão);
- (2) a retórica é a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano);
- (3) a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles).

A partir dessas três definições, o autor discute em quem/que está centrada a função importante da retórica. Para ele, a primeira definição privilegia o interlocutor, quem é manipulado. A segunda definição traz à tona o orador, aquele que manipula. Já a terceira definição coloca em destaque “as relações entre o explícito e o implícito, o literal e o figurado, as inferências e o literário.” (MEYER, 2007, p. 21), ou seja, o fazer retórico propriamente dito.

Diante dessas colocações, Meyer (2007) coloca como elementos básicos que compõem a retórica: um orador, um auditório e uma “mídia”. Assim, o orador é aquele que expressará a argumentação, o auditório é a quem o orador se dirige e a mídia será uma linguagem escolhida pelo orador para se manifestar. Nesse ponto, ressaltamos a ideia do autor em considerar a “mídia” como “uma linguagem, que pode ser falada ou escrita, mas também pictórica ou visual.” (MEYER, 2007, p. 22). Isso nos releva o caráter argumentativo que a imagem nos passa. Por isso, defendemos aqui a necessidade de discutir, mesmo que de forma mais abrangente, algumas marcas argumentativas que surgem a partir das imagens. Reiteramos não ser o objetivo principal de nossa pesquisa, mas sabemos da importância desse fenômeno para a construção de sentido nas charges que analisamos.

Para Meyer (2007), o *logos*, *pathos* e *ethos*, ou seja, a linguagem e o raciocínio, as emoções suscitadas e a imagem do orador, respectivamente, devem estar colocados em um mesmo prisma de importância para a constituição da retórica. Assim, o autor redefine retórica como sendo “a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada.” (MEYER, 2007, p. 25). Nesse contexto, a retórica será um conjunto de questionamentos que se dão na comunicação para que a identidade e a diferença de algo sejam negociadas. Essa negociação se dá por meio de estratégias próprias, que o autor faz questão de separar da argumentação.

A grande diferença entre a retórica e a argumentação deve-se ao fato de que a primeira aborda a pergunta pelo viés da resposta, apresentando-a como desaparecida, portanto resolvida, ao passo que a argumentação parte da própria pergunta, que ela explicita para chegar ao que resolve a diferença, o diferencial, entre os indivíduos. (MEYER, 2007, p. 28)

Meyer (2007) explica que a argumentação sempre traz à tona diversas perguntas que podem ser refutadas. Já a retórica apresentará um esvaziamento à pergunta, assim sendo uma ótima estratégia argumentativa. A exemplo desse processo, o autor expõe a simples proposição “Está frio. Vista seu casaco!”, que pode ser dita em um contexto de clima frio. Para a retórica, a proposição “Vista seu casaco” é equivalente ao que é dito anteriormente, por isso finaliza o que é proposto pelo orador. Mas, além disso, pode-se considerar um argumento do tipo “Está frio, *portanto vista seu casaco.*”, que levaria a outras perguntas ou proposições a depender da situação vivenciada. Logo, a retórica é sempre argumentativa, porém nem toda argumentação é retórica. Apesar dessa diferenciação proposta por Meyer (2007), nossa intenção não é focar em uma diferença entre retórica e argumentação, mas, sim, assumir que as relações imagéticas têm uma função argumentativa. A partir dessa proposição, temos todas as estratégias analisadas em função de um projeto argumentativo que se constitui pelo verbal e pelo visual.

Já sabemos que *logos*, *pathos* e *ethos* não podem estar desassociados no processo de argumentação. Resta-nos refletir sobre como eles atuariam para construir a argumentação a partir das imagens. Meyer chama a atenção para o fato de cada vez mais termos nos meios de telecomunicação a imagem como promissora de informações. Para ele, a imagem exprime um realismo que nos garante assistir “à expressão de belos sentimentos, e também à dos que são menos belos, destinados a comover, a chocar, em último caso a despertar a reação do auditório, transformado em público.” (MEYER, 2007, p. 118). Sendo assim, a imagem é manipuladora, é a construção de um *logos* devidamente montado para seduzir seu público. O autor reflete sobre a diferença entre a publicidade e a propaganda para expor como se dá essa relação entre *logos*, *pathos* e *ethos*.

Para compreendermos o jogo entre esses elementos retóricos, devemos considerar a diferenciação entre *ethos projetivo* e *ethos efetivo*. Quando orador e auditório estão em uma situação de interação, a imagem construída pelo *pathos* será esse *ethos projetivo*, que é uma relação instaurada não necessariamente pela realidade. Já o *ethos efetivo* é aquilo que o orador realmente passa para o auditório em sua ação. Para que o orador tenha a adesão de seu auditório, Meyer (2007, p. 54) diz que há três possibilidades:

- a congruência do *ethos* projetado e do *ethos* efetivo: o orador procura obter o assentimento de seu auditório
- a ruptura entre os dois *ethos* . O conflito entre o auditório, se precisar ser resolvido, não o poderá senão por meio de um juiz externo.
- a defasagem entre *ethos* projetivo e do *ethos* efetivo pode ser deliberada e positiva. Ela suscita então no auditório desejo e adesão.

Assim, Meyer (2007) diz que na propaganda é preciso haver uma coincidência entre *ethos* projetivo e do *ethos* efetivo, visto que a intenção é “mascarar uma distância possível entre o que defendemos realmente e aquilo que o público espera.” (MEYER, 2007, p. 120). Sendo assim, o orador da propaganda precisa dissimular o máximo possível de si para expor ao outro aquilo que esse outro defende, por isso é preciso apreender a ideia do outro. Já na publicidade, por a intenção ser a venda de um “produto”, é preciso diferenciar bem *ethos* projetivo e do *ethos* efetivo. Nesse caso, o publicitário precisa convencer seu auditório a partir do *ethos* projetivo que ele joga na publicidade. Se a venda de um produto vem associada a uma celebridade, essa ideia se projetará no público como uma possibilidade de ser, pelo menos, alguém parecido com a celebridade que usa o produto. Isso revela a intenção da publicidade em provocar o desejo, o que não ocorre na propaganda, pois a ideia é apenas repassar uma informação “com a maior sinceridade”, segundo Meyer (2007, p. 121), para seu auditório.

Mas, se pensarmos no gênero charge, como poderíamos analisar a relação entre *logos*, *pathos* e *ethos* ? Já sabemos que a imagem constitui elemento possível para a argumentação. Também corroboramos a ideia de Koch (2006, p. 29), que propõe

que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras.). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa.

Assim, temos na charge, como em todo texto, um caráter argumentativo, mas neste gênero o traço de criticidade se apresenta muito forte, por lhe ser peculiar. Os chargistas, por vezes, jogam com o *ethos* projetivo e o *ethos* efetivo para conseguir efeitos de congruência, ruptura ou defasagem em seu auditório. Vejamos a charge seguinte.

Charge 5 – Bate-papo entre mosquitos



Fonte: Jornal O Povo 01/02/2016

A charge 5 traz à tona o recorrente problema do lixo, que pode provocar a aparição de mosquitos. Na fala dos personagens, a argumentação que se dá pela expressão “O governo faz campanhas milionárias para nos combater...e a cidade continua cheia de lixo!” - revela uma reclamação comum entre a população em geral sobre o lixo espalhado pela cidade. Ao incluir a imagem de muito lixo e de vários mosquitos no local, a ideia dos próprios mosquitos coincide com a da população. Isso gera uma adesão ao caráter de denúncia da charge. Se os próprios mosquitos reconhecem a falha do governo ao investir mais em campanhas de combate do que em ações efetivas, a população mais ainda corrobora essa ideia. Assim, se incluirmos o chargista como parte dessa população que denuncia os problemas da cidade, veremos que há uma aprovação do público que estará instigado principalmente pelo caráter de crítica e de denúncia mostrado pela charge.

Dessa forma, percebemos como as charges podem ser manipuladoras para o público em geral. Ela pode assumir uma ideia já aceita por diversos leitores e, assim, ganhar a adesão pretendida. Os processos de congruência e defasagem se instauram para que locutor tenha sucesso ao lançar o argumento proposto na charge ao seu auditório. A imagem será fator relevante e necessário para compor esse gênero. No caso da charge acima, vemos que a imagem do lixo é bem real e reconhecida pelos leitores. Nesse sentido, a charge trouxe, por meio do visual, a realidade vivida pelos leitores, o que garante ainda mais a eficácia para o argumento. Se a charge é construída a todo momento a partir da interação, teremos então uma

série de proposições que podem ser provocadas por ela. É nesse momento que se constitui a argumentação nas charges.

Em nossa proposta, demonstramos como os processos de congruência e de defasagem auxiliam a identificação do *ethos efetivo* por parte do leitor. O uso dessas estratégias argumentativas é responsável pelo reconhecimento e pela adesão do público às ideias propostas nas charges.

2. A PROPOSTA DA GRAMÁTICA DO *DESIGN VISUAL*

Após a discussão acerca da Linguística Textual e dos aspectos de referenciação, intertextualidade e argumentação elencados para nossa pesquisa, tratamos agora da proposta utilizada para a análise das imagens das charges que escolhemos. Nesse trabalho, temos como foco o favorecimento do visual, em charges, para identificação dos processos referenciais. Para tal procedimento, escolhemos a proposta da Gramática do *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2006), que traz categorias que nos serviram de base para a análise da disposição e da relação entre os elementos imagéticos.

Kress e van Leeuwen (2006) se basearam na semiótica social para construir sua proposta de categorias para análise do visual em textos multissemióticos. A semiótica social iniciou-se com os estudos de Halliday (1978) ao propor que as escolhas linguísticas dos falantes são motivadas pela realidade social em que se encontram na situação comunicativa.

Os linguistas formalistas tratam do signo linguístico como arbitrário e como elementos finitos à disposição dos falantes. Porém, Halliday (1978) percebeu e concebeu o signo como produto da motivação social dos falantes no momento da situação comunicativa. Assim, a representação do mundo surge a partir de múltiplas semioses, que contemplam a dimensão social, o que é considerado primordialmente para a compreensão das análises dos sistemas de significados. Além disso, a semiótica social prevê que a compreensão dos sentidos não se dá apenas por um código analisado, mas por uma gama de códigos que perpassam a linguagem verbal.

Desta feita, Kress (*apud* DUARTE, 2011, p. 18) diz que: “A teoria semiótica social está interessada no significado, em todas as formas. O significado surge nas situações e interações sociais. Isso faz com que o social seja a fonte, a origem e o criador do significado”. Sendo assim, os fatos sociais levam à motivação dos signos, e são muitas as formas de representação desse signo na sociedade, além da cristalizada escrita. Por isso, fez-se necessário um estudo da imagem, já que “a grande quantidade de palavras não chama tanta atenção quanto o significado de regularidades na maneira como imagem e elementos são usados⁴” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 4, tradução nossa).

A Gramática do *Design Visual* se constitui, em contraponto à soberania que se dava ao texto escrito, no sentido de evidenciar a composição imagética como responsável por

⁴ “be expressed through the choice between different uses of colour or different compositional structures.” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p.4)

significações que surgem em termos de função, de contexto e de efeito nas relações textuais. É o que afirmam Kress e van Leeuwen⁵ (2006, p. 2, tradução nossa): “diferentes usos da cor ou de diferentes estruturas composicionais afetam o que significa.” E ainda acrescentam: “Expressar algo verbal ou visualmente faz a diferença.” Nesse sentido, a proposta de uma gramática orientada para o visual se faz necessária quando se entende que os aspectos visuais, assim como os linguísticos, revelam “interpretações particulares de experiências e formas de interação verbal⁶” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 2, tradução nossa). Assim, sabemos que as representações visuais do mundo também são responsáveis por construção de sentido, logo podem constituir-se de pistas que identificam e apontam objetos de discurso.

A GDV, abreviatura que usaremos constantemente, se pauta pelos seguintes propósitos: propor um método de análise da “sintaxe visual”, concebendo a linguagem verbal apenas como um modo de codificar a experiência da interação social; elencar estruturas composicionais já convencionadas em todo o período histórico da semiótica social, partindo dos parâmetros de leituras convencionais da sociedade ocidental; fornecer novos recursos para a interpretação dos componentes visuais.

Mediante os objetivos explicitados anteriormente, iniciaremos as discussões acerca das metafunções. Primeiramente, é preciso esclarecer que foram adaptadas as metafunções da linguística sistêmico-funcional, propostas por Halliday (1985), para uma análise da linguagem verbal. Assim, por considerar as representações visuais como constituídas por linguagem, as metafunções de Halliday (1985) são proveitosas para que a relação linguagem verbal e não verbal sejam colocadas sob os mesmos parâmetros de análise.

Iniciamos pela metafunção composicional, o que Halliday (1985) concebeu como aquela ligada à organização dos elementos que compõem o texto. Kress e van Leeuwen (2006) adaptaram-na para a metafunção composicional, que relaciona o verbal e o não verbal como parte integrante e essencial para a compreensão do texto e de seu sentido. Os autores propuseram uma ramificação dessa metafunção de modo a contemplar o valor informativo, a saliência e o enquadramento da imagem.

Para o valor informativo, é estabelecida a relação entre o dado e o novo, que é definida pela disposição imagética à esquerda para aquele e à direita para este. Nessa relação, fica provado que, nos parâmetros de leitura ocidental, as disposições imagéticas mais familiares à sociedade são apresentadas como o Dado, ficando à esquerda na composição,

⁵ “Expressing something verbally or visually makes a difference.”(KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p.2)

⁶ “particular interpretations of experience and forms of social interaction” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p.2)

enquanto que as informações desconhecidas pelos leitores se estabeleceram à direita na disposição do texto, sendo denominadas como o Novo. Há também a disposição das imagens na posição vertical, o que se divide entre as informações ideais e reais. As primeiras estão previstas para o topo da imagem e estão atreladas a conteúdos já convencionalizados entre os leitores. As segundas são apresentadas na base do texto e são reais devido ao conteúdo mais realista, que pode ser aplicado na prática pelos leitores. Além disso, a disposição das imagens pode se dar de forma central ou marginal, a depender do que se deseja deixar mais explícito. Um exemplo dado por Kress e van Leeuwen (2010) é a seguinte imagem, que apresenta distinção entre as imagens apresentadas à esquerda e à direita. Segundo os autores, na imagem à esquerda, temos um personagem representado que não se dá conta (ou pelo menos não tem essa intenção) de que há um fotógrafo ou um espectador da sua ação, por isso haveria um “olhar de oferta”. Já na imagem à direita, percebemos que há um contato visual entre personagem e espectador, logo haveria um “olhar de demanda”.

Além disso, na visão dos autores da GDV, há uma intenção de complementaridade entre as informações quando revistas as reproduzem dispostas da esquerda para a direita. Isso se compõe de forma que à esquerda estejam dispostas informações previamente reconhecidas pelo leitor para que, em seguida, à direita, possam se localizar as informações novas sobre o que é dito. Nessa relação, estabelece-se a disposição dado-novo, por isso à esquerda da imagem 3 há informações que constituem o repertório sociocultural do leitor – ou pelo menos espera-se essa constituição – sobre a mineração e à direita prevalece uma informação nova sobre o assunto, o fato de a mulher poder exercer atividades na área da mineração.

Imagem 3 – Fig 6.2 Gold-diggers



Fonte: Kress e van Leeuwen (2006, p. 180)

O ponto interessante dessa análise para nossos estudos está concentrado na relação ideológica apresentada pelos autores da GDV. A imagem 3 apresentaria um valor para o leitor, pois há uma estrutura ideológica entre o dado-novo, visto que na aparição do novo haverá sempre algo “problemático, contestável”, segundo Kress e van Leeuwen (2006). Se o leitor identifica informações que não estão convencionadas socialmente, então esse Novo reflete um caráter ideológico apresentado pelo visual.

Em relação à classificação de saliência, postulou-se que os recursos de intensificação ou suavização de cores, a intensidade de contraste e de brilho das cores e dos tons, a superposição dos elementos são relevantes para compor a disposição da imagem e apresentar o que está mais em evidência ou não. Assim, Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que a saliência influencia o leitor a estabelecer uma hierarquia de importância entre os elementos que estão dispostos no texto, o que induz, no texto publicitário, por exemplo, o consumidor a direcionar o olhar para o produto a ser vendido.

Na imagem 3, os autores discutem sobre *picos de saliência*. Primeiro, deu-se evidência ao título em negrito “Gold-diggingcannowbedonebywomen”. Em seguida, a saliência ficou evidente na foto das duas mulheres, à direita, pois está em tamanho maior e o olhar das personagens se direciona ao leitor, o que tende a chamar mais atenção. Kress e van Leeuwen (2006, p.183) ressaltam que nem sempre, em *layout* de revistas, ocorre essa relação de o dado vir como linguagem verbal e o novo vir como linguagem visual. Isso nos permite ampliar o olhar da construção dos objetos de discurso a partir do não verbal, se analisássemos apenas um texto imagético. Assim, dizem os autores: “se à esquerda há uma imagem e à direita está o texto verbal, a imagem é apresentada como dado, como um ponto de partida bem estabelecido para o texto, e o texto verbal contém o Novo.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.184, tradução nossa).

Para uma análise entre o valor informativo presente na relação entre topo e base, os autores esclarecem que “há uma sensação de contraste, de oposição entre os dois [topo e base]. A seção superior tende a fazer algum tipo de apelo emotivo para nos mostrar ‘o que poderia ser’; a seção inferior tende a ser mais informativa e prática, mostrando-nos ‘o que é’.”⁷ (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p.186). Vejamos no seguinte exemplo:

⁷ “If the left page has text and the right page a picture, the text contains the Given, and the picture the New.”(KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p.184)

Imagem 4 – Fig 6.7 Overpopulation



Fonte: Kress e Van Leeuwen (2006, p. 186)

No topo, considerado o Ideal, há o título “*Controle de natalidade, uma questão de ir a ele*”, que denota a parte ideológica do texto, pois concentra-se no aspecto que irá provocar no leitor a reflexão, uma espécie de fuga ao convencional. Por outro lado, na parte inferior, chamada de Real, há as imagens que representam, além de uma contradição com aquilo que está no Ideal, uma cena bem conhecida por leitores bem informados sobre a situação da Índia. Há também várias manchetes de outros jornais que revelam informações mais precisas para que um leitor que julgue necessário possa recuperar o que é dito pela linguagem verbal e não verbal. Vale lembrar que essa análise não exclui a presença dos traços de dado-novo. A separação ocorre para que a análise fique mais clara, mas sabemos que todas as categorias podem perpassar as demais e influenciar na construção de sentidos pretendida.

Quando se trata da representação que se estabelece na relação entre centro-margem, os autores da GDV postulam que há uma predominância em colocar elementos visuais de destaque no centro devido a algum poder exercido socialmente por aquele/aquilo que estava em destaque. É uma forma de chamar a atenção do leitor para o que se pretende dizer ou atribuir ao ser/objeto posto em evidência. Assim, “Para algo ser apresentado como Centro, é preciso que ele seja mostrado como o núcleo da informação a que todos os outros elementos estão em algum sentido subservientes.” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 196). Tais elementos subservientes são tidos como Margem. A exemplo disso, temos a seguinte configuração:

Imagem 5 - Fig 6.13 Going on holiday



Fonte: Kress e Van Leeuwen (2006, p. 195)

A imagem 5 refere-se a um diagrama sobre turismo com a seguinte legenda: “Vá de férias”. A representação das *férias* está marcada por um homem ao Centro da imagem, que é o *núcleo da informação*. Ao redor desse núcleo, há diversas frases em balões de fala que procuram justificar o porquê da necessidade de ter férias. Essas frases que compõem a Margem são colocadas sem que haja uma polarização entre elas. A identificação de uma ordem de fatores diferentes que compõem a imagem se dá do Centro, com o destaque para o homem, à Margem, com as colocações atribuídas a esse personagem.

Algumas análises de Kress e van Leeuwen em revistas e anúncios comprovam uma regularidade dessa polaridade de Dado-Novo, Real-Ideal e Centro-Margem, a depender do propósito de cada gênero. Em nossas discussões com o foco em charges, veremos as ocorrências dessas polaridades e suas influências na construção de um objeto de discurso nesse gênero jornalístico cada vez mais evidente em meio às mídias de circulação.

Por fim, há o critério de enquadramento, que se apresenta como forte ou fraco a depender da maneira de conexão ou desconexão feita por meio de “linhas divisórias, enquadres distintos e espaço vazio entre as figuras, continuidade e descontinuidade de cores e formas” (DUARTE, 2011, p.35). Nesse sentido, quando um elemento do texto se mostra desconectado com os outros, haverá ali maior saliência, logo um enquadramento, pois o elemento estará posto em destaque, num enquadre. Em contrapartida, quanto mais conexão apresentarem os elementos de composição do texto, mais haverá homogeneidade, o que não acarretará sobreposição de um elemento em relação a outro. “A ausência de enquadramento

sublinha a identidade do grupo, sua presença significa individualidade e diferenciação⁸.” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 203), por isso há uma ligação direta entre o critério de enquadramento e de saliência na constituição da metafunção composicional.

Para os autores da GDV, a leitura de textos verbo-imagéticos se dá de forma diferenciada. Se um leitor se depara com um romance, tenderá a fazer a tradicional leitura da esquerda para a direita, de cima para baixo. Qualquer mudança nessa ordem pode ocasionar um prejuízo ao leitor, visto que as informações estão “codificadas” para esse tipo de leitura. Porém, ao ler uma revista, por exemplo, o leitor pode escolher apenas folhear e deter sua atenção em imagens ou títulos que estejam em maior destaque, ou seja, que detém um alto grau de saliência. Krees e van Leeuwen (2006) assumem que na leitura de um texto multimodal a imagem se sobressai em relação ao texto verbal.

Em charges, gênero proposto para o *corpus* desta pesquisa, acreditamos que isso se confirma, visto que o traço caricatural apresenta um apelo maior para a atenção do leitor. Ainda sobre as mudanças na forma de leitura, nos dias de hoje, os autores afirmam:

Estudantes que se preparam para os exames vão usar o índice do livro para descobrir e destacar as passagens de que necessitam, ao invés de ler o livro de capa a capa. Quanto mais um texto faz uso de subtítulos, enfatiza dispositivos (itálico, negrito, sublinhado), linhas numeradas dos elementos ou características típicas de algum fenômeno, tabelas, esquemas e assim por diante, o mais provável é que seja codificado, “usado” em vez de lido: a leitura linear está gradualmente perdendo terreno⁹. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 205, tradução nossa)

O que percebemos é o surgimento de novas formas de leitura de modo a influenciar diretamente a construção de sentido em um texto. Se o leitor busca concentrar sua primeira leitura naquilo que é mais chamativo em textos multimodais, há então uma alteração, ou mesmo uma nova realização, na apresentação de referentes nesses textos. Partindo do princípio de que o propósito do enunciador é atingir o leitor o mais rápido possível para aquilo que realmente interessa no texto, é possível apresentarmos possibilidades de como o referente se manifesta nesse texto, analisando as ocorrências da composição do objeto em análise.

Dito isso, consideramos que composições imagéticas podem ser sinalizadas com

⁸ “The absence of framing stresses group identity, its presence signifies individuality and differentiation.” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 203)

⁹ “Students preparing for their exams will use the index of the textbook to find out and highlight the passages they need, rather than read the textbook from cover to cover. The more a text makes use of subheadings, emphatic devices (italics, bold type, underlining), numbered lines of typical elements or characteristics of some phenomenon, tables, diagrams and so on, the more likely it is to be scanned, skip-read, ‘used’ rather than read: linear reading is gradually losing ground.” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 205)

maior ou menor ênfase em relação aos elementos adjacentes, e essa sinalização permite que a informação releve mais ou menos importância para o todo que compõe o texto. Assim, compreendemos que:

A composição não é só uma questão de estética formal e de sentimento ou de atração dos leitores (embora seja isso também); além disso, ela orienta os elementos significativos dentro de um texto coerente e faz isso de modo que as próprias composições seguem as exigências das estruturas de códigos específicos, produzindo elas próprias sentido¹⁰. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 204, tradução nossa)

A metafunção composicional foi a mais explorada no trabalho de Oliveira-Nascimento (2014) devido à análise de um texto audiovisual. A pesquisadora considerou que os elementos composicionais denotavam mais relevância para a construção do referente no vídeo *Vida Maria*. Dessa forma, de acordo com suas análises, afirma:

Mesmo sem conhecimento de tais categorias, em específico dos elementos da metafunção composicional, os leitores se utilizaram, sobretudo, dos princípios do enquadramento e da saliência. A análise realizada até o momento considera adequada a hipótese de que o arcabouço teórico da GDV, em destaque para os elementos de valor composicional, pode, sim, ser relevante para estudar, também, as imagens dinâmicas, como é o caso do nosso corpus: um curta-metragem, e permite tratar metodologicamente alguns dados visuais importantes para a introdução e retomada de referentes. (OLIVEIRA-NASCIMENTO, 2014, p. 108)

Isso confirma a relevância da GDV para a construção de sentidos no texto. Também reforça a ideia de que o processo de referenciação se vale dos elementos composicionais da imagem para a produção de sentido por parte dos leitores.

Outra adaptação feita a partir das metafunções de Halliday (1985) foi a da metafunção interpessoal, que passou a ser metafunção interativa. Primordialmente, ela estava relacionada à interação que se dá entre os interlocutores no momento da comunicação, a influência que um interlocutor exerce sobre o outro. Para a GDV, a metafunção interativa diz respeito ao modo de interação entre o leitor e a parte visual do texto. O contato, a distância social e a perspectiva são os elementos que compõem essa metafunção. Para discutir acerca dessa metafunção, os autores propõem o seguinte exemplo:

¹⁰ Composition is not just a matter of formal aesthetics and of feeling, or of pulling the readers (although it is that as well); it also marshals meaningful elements into coherent texts and it does this in ways which themselves follow the requirements of mode-specific structures and themselves produce meaning (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 204).

Imagem 6 - Fig 4.1 Recruitment poster



Fonte: Kress e van Leeuwen (2006, p. 117)

A imagem 6 permite uma interação, mesmo que imaginária, entre o que é representado e o leitor, pois o olhar fixo do personagem e a mão que aponta para frente induz o leitor a se sentir convocado para que haja uma ação recíproca entre os envolvidos. Admite-se a nomenclatura de participante representado, conteúdo da imagem, e participante interativo, leitor que interage com a imagem. Os últimos apresentam o diferencial de serem controlados pela sua inserção no meio social, logo são detentores de conhecimentos e de experiências diversificadas de acordo com a influência do meio (DUARTE, 2011).

Quanto ao contato, é reconhecido por um vetor que estabelecerá a direção da informação da imagem em relação aos olhos do leitor. O contato entre participante representado e participante interativo pode resultar em dois tipos de “olhares”: o de demanda ou o de oferta. No caso da imagem 6, há um contato de demanda, pois o leitor é convocado pelo olhar fixo e direto do participante representado. O contato pelo olhar de oferta é aquele em que o leitor não é diretamente solicitado para o processo de interação. A oferta propõe apenas elementos que possam ser contemplados pelo leitor, sem que haja uma necessidade imperativa de interação do leitor quanto ao conteúdo proposto pela imagem. Uma crítica a essas especificações da metafunção interativa se faz devido à imposição entre interação ou não interação do leitor, pois parece ser possível verificar que, no momento em que o leitor entra em contato com o texto verbo-imagético, há interação, seja direta, seja indiretamente, entre o olhar do observador e a disposição do objeto/coisa/pessoa a ser contemplado. Porém,

vale lembrar que há uma relação entre os vetores que condicionam essa demanda ou oferta da imagem para com o leitor. É notória a grande importância que há entre as experiências sociais e a compreensão leitora dos falantes. Assim, para apreender por completo o que a imagem sugere, o leitor precisa estar atento às pistas que lhe são oferecidas e inferir as conexões possíveis que ali podem se estabelecer, visto que os participantes representados nem sempre são seres animados. Se a representação de um carro sugerir que os faróis sejam como olhos para interagir com o leitor, então há também um contato pelo olhar de demanda, por isso cabe ao leitor compreender essas possíveis relações e representações.

Em relação à distância social, observamos uma análise de como o participante representado é exposto ao leitor. Quando há a exposição da cabeça e dos ombros, tem-se um plano fechado, o que provoca uma aproximação do leitor com o participante representado, colocando-os no mesmo nível de poder. Quando ocorre uma exposição até os joelhos do corpo do participante representado, há um distanciamento maior entre a representação imagética e o leitor, o que denotaria uma exposição em plano médio. Já uma amostra do participante representado de corpo inteiro denotaria pouco envolvimento do leitor com a representação, que seria feita em plano aberto. Fernandes e Almeida (2008) propuseram uma análise de cartazes de guerra a partir das metafunções da GDV. As imagens abaixo representam muito bem como Krees e van Leeuwen (2006) abordam o aspecto da distância social. Vejamos:

Imagem 7 – Cartazes de Guerra



Figura 22 - Distância de proximidade – intimidade. participantes retratados em *close-up* ou *plano fechado*, cada detalhe de seu rosto e expressão facial é capturado, ajudando, pois, a revelar traços de sua personalidade e a nos tornar mais intimamente familiarizados.



Figura 23 - Distância média – a distância estabelecida é intermediária, nem máxima, nem mínima. Os participantes representados não são desconhecidos, mas também não são amigos íntimos.



Figura 24 - Distância longa – Confere um caráter de impessoalidade, de estranhamento, como se fossem “tipos” e não indivíduos.

Fonte: Fernandes e Almeida (2008, p. 11)

De acordo com a análise acima feita por Fernandes e Almeida (2008), percebemos que a representação dos seres indica uma aproximação ou um distanciamento do leitor. Não podemos nos esquecer de que o contexto é fator primordial para que o leitor compreenda aquilo que se pretende representar/dizer com a imagem projetada.

Quanto ao distanciamento entre objetos e coisas, Krees e van Leeuwen (2006) explicam sobre os efeitos de aproximação que a imagem pode provocar. Assim diz Duarte (2011, p. 27):

...também podemos encontrar as distâncias sociais, no entanto, a relação de proximidade fica estabelecida no quanto aparece do objeto e de que distância ele aparece para o leitor, por exemplo, os autores nos explicam que uma paisagem pode ser vista como se estivéssemos dentro do lugar ou como se parássemos diante dessa e fizéssemos uma avaliação do visto (meia distância) ou à semelhança de uma foto tirada de cima ou de longe (longa distância), como em algumas imagens dos livros de geografia.

Krees e van Leeuwen (2006) sugerem que ocorre muito essa representação de

objetos em publicidade. Primeiro, pode vir uma visão geral do objeto anunciado, como se estivesse numa vitrine, exposto. Em seguida, são apresentadas partes desse objeto para o detalhamento do produto. Na imagem 8, a seguir, percebemos essa estratégia, quando há o uso de plano médio e curto, segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 128).

Imagem 8 - Fig 4.5 PlayStation website



Fonte: Kress e van Leeuwen (2006, p. 128)

Além do aspecto da distância, também é levada em consideração a perspectiva para compor a metafusão interativa. Esse aspecto é realizado pelo produtor da imagem e caracteriza-se pelo ângulo, ou ponto de vista, em que se apresentam os participantes. Há três posicionamentos: o ângulo frontal, que dá conta do envolvimento entre participante representado e interativo, pois a imagem é reproduzida para se alinhar ao nível do olhar do leitor; o ângulo oblíquo, que impõe um alheamento entre os participantes, visto que o representado estará de perfil, logo se torna mais impessoal em relação ao leitor; o ângulo vertical, que dependerá do posicionamento da câmera em relação ao participante representado, se houver a captura da imagem de cima, poderá ser identificado o poder sobre o observador, que terá uma visão superior. Já quando a imagem é capturada de baixo para cima, há a relação de poder concentrada no participante representado. Por fim, se esse participante é capturado num nível que esteja alinhado com o olhar do leitor, haverá uma igualdade de poder entre os participantes (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006). Fernandes e Almeida (2008) analisaram essa categoria nas seguintes imagens.

Imagem 9 – Cartazes de guerra 2



Figura 25 – Ângulo Frontal – envolvimento



**Figura 26 – Ângulo
Oblíquo –
alheamento**

Fonte: Fernandes e Almeida (2008, p. 12)

Percebemos por essa análise que o ângulo da imagem permite um envolvimento entre o espectador e os elementos representados, por isso que se pode estabelecer uma relação de poder. Essas relações estabelecidas são concernentes ao imaginário dos leitores, pois em nenhuma delas há a realidade nesse processo de interação. Tudo parte de uma interação entre participante real e linguagem não verbal que comunica a mensagem. Assim, análises de anúncios publicitários são as que, talvez, mais possibilitem a identificação dessas relações aqui apresentadas à estrutura interativa, pois, quanto mais esse gênero atingir o leitor, mais eficaz será o objetivo a que se pretende.

Em relação ao *corpus* dessa pesquisa, percebemos que é de grande importância estabelecer as relações interativas que ocorrem no gênero charge, pois é possível identificar como a disposição dos elementos visuais exige do leitor uma maior interação para com o conteúdo do texto.

Para nossa última discussão sobre as metafunções, tratamos da metafunção ideacional. Segundo Neves (1994, p.111):

É por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo real, o que inclui sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência, ou seja, suas reações, cognições, percepções, assim como seus atos linguísticos de falar e de entender.

Nessa função, vemos que são estabelecidas relações entre Ator e Meta, Experienciador e Fenômeno, Portador e Atributo etc - ao praticarem ou sofrerem ações (processos) em espaço, tempo e local delimitados. Na GDV, Kress e van Leeuwen (2006, p.48 – tradução nossa) vão propor a metafunção representacional como forma de representação imagética dos objetos e das experiências internas ou externas já vivenciadas pelo leitor¹¹.

As duas relações que se estabelecem nessa metafunção a partir da imagem seriam transacional, que se realiza em uma estrutura narrativa, e não transacional, que se realiza em uma estrutura conceitual. Segundo Santos (2011, p. 22), a parte narrativa se configura em termos de uma ação social ou uma transformação; já a parte conceitual se estabelece por meio de conceitos ou condições sociais.

Dessa forma, a estrutura narrativa apresenta vetores, que são responsáveis pela interação entre os participantes, indicativos das ações realizadas na imagem. Kress e van Leeuwen (2006, p. 59) acrescentam que tais vetores “podem ser formados por órgãos ou membros ou ferramentas 'em ação', mas existem muitas outras maneiras de transformar elementos representados em linhas diagonais de ação”. Os processos que constituem tal estrutura narrativa pode se apresentar como forma de ação, reação, processo verbal ou processo mental.

No processo de ação, se houver participação apenas de um ator, a ação se dará como não transacional, pois não há o direcionamento de um vetor entre Ator e Meta. Na ação transacional, é perceptível que o participante representado pretende atingir uma Meta na imagem. No exemplo da imagem 10, temos uma ação não transacional, pois o leitor fica a imaginar para onde se direciona o vetor que parte do gesto feito pelo senhor representado na imagem. Os autores da GDV comparam esse tipo de ação com os verbos intransitivos, aqueles que não precisam de um complemento, necessariamente, para serem compreendidos (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 64). Assim, a ação desempenhada pelo participante representado não precisa ser direcionada a outro elemento no texto, visto que por si só ela deve ser compreendida ou, pelo menos, inferida pelo leitor.

¹¹ The former are the participants in the act of communication – the participants who speak and listen or write and read, make images or view them, whereas the latter are the participants who constitute the subject matter of the communication; that is, the people, places and things (including abstract ‘things’) represented in and by the speech or writing or image, the participants about whom or which we are speaking or writing or producing images (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 48).

Imagem 10 - Fig 2.15 New York, 1955



Fonte: Kress e Van Leeuwen (2006, p. 64)

Fernandes e Almeida (2008) analisam a estrutura de ação transacional no seguinte cartaz:

Imagem 11 – Cartazes de guerra 3



Figura 4 - Interatores – bidirecional. Estrutura transacional.
Cada participante pode representar o papel ora de ator, ora de meta

Fonte: Fernandes e Almeida (2008, p. 05)

Kress e van Leeuwen postulam que a estrutura transacional pode se dar de forma bidirecional. Na imagem 11, vemos que os dois atores parecem se comunicar, visto que estão

de frente um para o outro. Há um vetor que direciona o olhar de um ao outro, o que demonstra a interação entre esses participantes.

No processo de reação, segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 67), o participante, obrigatoriamente uma figura humana ou um animal com traços humanos, direciona seu olhar para o fenômeno e é capaz de esboçar uma expressão facial. Assim, caso seja possível identificar o fenômeno, teremos uma reação transacional; em caso de não identificação, teremos uma reação não transacional. A reação transacional pode ser identificada na imagem 11, pois há uma ação de cumprimentar com a mão e há a reação de aceitar o cumprimento. No caso, não poderíamos afirmar quem seriam ator e reator, por não sabermos de quem partiu a ação, visto que ela aparece como recíproca, mas podemos perceber essa narrativa de ação e reação. A reação não transacional aparece na imagem 10, quando percebemos não ser possível afirmar que a reação é provocada pelo gesto do senhor da imagem.

Por fim, para a constituição de processos verbais e mentais, foi observada, pelos autores da GDV, a relação entre balões de fala e o enunciador ou experienciador (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Assim, teremos as figuras do Dizente e do Experienciador, que se estabelecem diante de um assunto. O processo será identificado a partir da saliência do balão de fala, dependendo do fato de estar apontando para o Dizente ou para o Experienciador.

Para a estrutura conceitual da metafunção representacional, há uma apresentação dos participantes representados de forma estática e atemporal, ou seja, não há vetores para o direcionamento da informação. Nessa metafunção, teremos a divisão entre processo classificacional, processo analítico e processo simbólico. O primeiro apresenta estaticamente os participantes de um mesmo grupo. O segundo estabelece uma relação de parte e de todo entre os elementos representados; a parte será o Atributivo e o todo, o Portador. O terceiro e último processo atribui ao elemento representado uma simbologia, de ordem semântica vale ressaltar, levando em consideração a significação do participante.

Imagem 12 - Fig 3.1 Guide interface



Fonte: Kress e van Leeuwen (2006, p. 80)

Na figura 12, Kress e van Leeuwen apresentam um exemplo de processo classificacional, pois são distribuídos os elementos de forma a compor uma equivalência entre eles. É importante percebermos que essa distribuição de imagens promove uma certa hierarquia, que pode influenciar na escolha da representação de objetos de discurso.

Para exemplificar o processo analítico, os autores optaram por anúncios de moda, que contêm Portador e Atributos bem definidos, pois a modelo apresenta os acessórios necessários para a divulgar na campanha publicitária. Kress e van Leeuwen não acrescentam mais traços dessa categoria, o que nos deixa sem muito aparato para para maiores aprofundamentos. Parece-nos que, muitas vezes, ainda é preciso uma aprimoração de algumas subclasses das metafunções. Por isso, há categorias que não são exploradas amplamente, visto que nos concentramos nas que são mais recorrentes nas charges.

Imagem 13 - Fig 3.9 Easy-wearing Cottons



Fonte: Kress e van Leeuwen (2006, p. 88)

O processo simbólico é retratado por Kress e van Leeuwen (2006) na seguinte

Imagem 14 - Fig 3.28 Fun with fungi



Fonte: Kress e van Leeuwen (2006, p. 107)

Na página do jornal, a imagem traz os fungos em evidência e o cientista atrás de todos eles, a observar. Tal posicionamento de elementos, segundo os estudiosos da GDV, induzem ao leitor que o homem não pratica uma ação específica; ele apenas “posa para o

espectador”. Assim, o cientista representado tem a função apenas de se mostrar como especialista daquilo que está no primeiro plano, os fungos, por isso trata-se de um processo simbólico.

Todas essas metafunções e suas subclassificações dão conta dessa análise da sintaxe visual de modo a servir-nos de aparato para as correlações que se estabeleceram entre o visual, o verbal e a construção de sentido nas charges escolhidas para nossa análise.

Para Dionísio (2015), esses diversos modos de articular a linguagem para produzir textos são classificados como “multiplicidade de linguagens” ou “multissemiose dos textos”. Essa classificação permite abranger os diversos gêneros textuais que se destacam cada vez mais devido às novas tecnologias emergentes para chamar a atenção do leitor. Logo, percebemos que o trabalho com charges, um gênero genuinamente multimodal, permitiu a verificação de como os recursos para a disposição da imagem colaboram para a configuração de processos referenciais na constituição de sentido para o texto.

2.1. Por uma aproximação entre a Referenciação e a Gramática do *Design Visual*

Após toda essa discussão acerca dos elementos usados para a análise da imagem, trataremos aqui dos aspectos relevantes que nos levam a crer o quanto é possível o auxílio da Gramática do *Design Visual* para a análise da construção de objetos de discurso em um gênero multimodal como a charge.

Iniciamos com a reflexão sobre a coerência. Sabemos que a coerência é a unidade de sentidos construída para o texto durante a interação e que, para essa elaboração, a referenciação é fundamental. O processo de referenciação exige uma negociação entre interlocutores, que, por conseguinte, exigirá uma estrutura compreensível, pelo menos, para os participantes da interação. Definir coerência não é tão simples como imaginamos, embora nos utilizemos dela em todo momento de interação. Koch e Travaglia (2015, p. 37) tratam da coerência como “princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários de recuperar o sentido do texto pelo qual interagem”. Os autores ainda complementam quando afirmam que, para chegar a esse sentido, os interlocutores se valem de diversos fatores, como o conhecimento sobre o assunto, sobre os elementos linguísticos escolhidos e utilizados, sobre o nível de interação entre dos usuários com o assunto. Essas adequações são válidas para todo e qualquer texto.

Para corroborar tais colocações, afirmam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 38-39):

O locutor faz os arranjos necessários para que seu texto seja considerado pertinente e coerente pelos interlocutores; para tanto, organiza a construção referencial de uma dada maneira. Acorre a memória de qualquer um, hoje em dia, uma situação em que se tem de enviar um *e-mail* para solicitar algo a alguém; nessas horas, fazem-se escolhas de expressões que se julguem mais apropriadas para moldar os referentes, sem dúvida alguma, com base na maneira como se pretende que o leitor entenda o pedido. Isso também é negociar.

Dessa forma, percebemos que a GDV apresenta uma proposta similar em relação à coerência e ao contexto de que necessitam os textos multimodais para uma melhor compreensão. Kress e van Leeuwen (2006, p. 7) iniciam as discussões sobre a representação da realidade em imagens falando justamente sobre como ocorre a escolha do locutor para fazer essa transposição de visão do mundo. Os autores apontam que nunca o objeto estará representado por completo, pois crianças e adultos estarão preocupados em dispor ao seu interlocutor elementos imagéticos essenciais do objeto em um dado contexto. Ainda reiteram que “esses critérios são aspectos representados pelo *sinal-criador*, no momento da tomada de sentido, com a forma mais adequada e cabível e com o modo de representação mais apto e cabível”. É desse modo que percebemos que a GDV leva em consideração a coerência e o contexto sócio-histórico no momento da análise dos múltiplos significados que envolvem textos multimodais.

Custódio Filho (2011, p.78), em sua tese, comentava sobre essa aproximação entre as teorias ao declarar que “os autores assumem uma perspectiva de realidade como construção, dependente dos usos e das circunstâncias sociais...”. Essa perspectiva está diretamente relacionada ao paradigma sociocognitivo-discursivo assumido pelos estudos da referenciação.

Nessa perspectiva, Custódio Filho (2011, p. 78) reforça essa relação entre a GDV e os estudos relacionados ao texto ao dizer que:

...os postulados da GDV servem como apoio para as ideias de que 1) o estudo dos sentidos (motivo primeiro das pesquisas sobre linguagens) deve levar em conta a situação sociodiscursiva de interação, e 2) os processos de atribuição de significados não se limitam à utilização da linguagem verbal.

Por isso, insistimos numa interface entre a GDV e a Referenciação como forma de ampliar os conhecimentos e buscar elementos para a abordagem dos recursos imagéticos como pistas contextuais para a construção de objetos de discurso em gêneros multissemióticos, como a charge.

Na próxima seção, tratamos das funções de apresentação e de recategorização

propostas por Custódio (2011), para refletir sobre o olhar de Cavalcante e Brito (2017) sobre as funções referenciais gerais que estavam subjacentes às etapas propostas pelo autor.

2.1.1. *Funções de apresentação e de recategorização dos referentes*

Os estudos de Custódio Filho (2011) contemplaram a análise do processo de construção referencial em um conto de Ignácio de Loyola Brandão e em quatro episódios da série *Lost*. Para essa análise, o pesquisador optou por não utilizar as categorias da GDV, embora mencionasse diversos fatores que demonstravam uma estreita relação entre a GDV e a LT. O autor afirmou que, devido ao fato de a GDV tratar apenas de imagens estáticas e estar mais próxima da Análise do Discurso, as metafunções estabelecidas pela GDV não dariam conta do estudo proposto em sua tese. Neste trabalho, estabelecemos relações entre imagens estáticas, presentes nas charges, consideradas segundo parâmetros da GDV e os processos referenciais.

O objetivo de Custódio Filho (2011) era demonstrar como ocorria o processo de recategorização dos referentes, seja em um texto verbal, seja em um texto verbo-imagético. Dessa forma, optou por elaborar um método de análise que contemplasse os processos anafóricos e as devidas recategorizações advindas deles, por isso propôs que a construção do referente se dá de acordo com a *apresentação* do referente e com a *mudança*, seja por *acréscimo*, por *confirmação* ou por *correção*.

A introdução referencial é o que caracteriza a *apresentação*, de modo inovador. Vemos que essa primeira aparição do referente pode ocorrer por diversos modos semióticos. A *mudança* que ocorre nos referentes está ligada justamente às alterações sofridas por eles para que a devida modificação deste se dê no decorrer do texto. Essas alterações podem ser de três tipos: por *acréscimo*, quando algum elemento provoca uma mudança no referente que foi introduzido no texto; por *confirmação*, quando surgem elementos no texto que reiteram aquilo que já foi apresentado sobre o referente; por *correção*, quando há alguma nova informação acrescentada que permite uma outra compreensão, por parte do leitor, a partir do que havia sido dado como referente anteriormente.

Para o autor, a diferença entre o *acréscimo* e a *correção* é estabelecida porque há uma mudança significativa no referente quando ele sofre uma *correção*, já que o leitor precisa compreender que houve a intenção de corrigir o que se dizia sobre o referente. Custódio Filho (2011) constatou que em textos mais longos o processo de confirmação era o mais evidente e o mais usado para a manutenção do referente. O esquema abaixo demonstra como seria esse

método de análise.

Quadro 1 – A proposta de Custódio Filho (2011)



Fonte: Oliveira – Nascimento (2014)

É importante destacar que o pesquisador considera as recategorizações como sendo possíveis a partir da própria apresentação do referente. Porém, não partilhamos desse ponto de vista: corroboraremos a afirmação de Cavalcante e Brito (2017) de que a introdução referencial e a recategorização são processos distintos, visto que a apresentação do referente deve ocorrer primeiro para que, em seguida, seja possível haver uma recategorização do que foi apresentado.

Cavalcante e Brito (2017) reconsideraram a proposta do autor, olhando-a pelo viés das duas grandes funções que os processos de introdução referencial e de anáfora exerciam nos textos. Assim, a introdução referencial cumpriria a função de *apresentação*, descrita por Custódio Filho, e a *mudança* por *acrécimo*, por *confirmação* ou por *correção* exerceria a função de *recategorização*. Desse modo, as autoras sustentam que as funções de recategorização são próprias de todo processo anafórico, que, a um só tempo, mantém os referentes no texto e os faz progredirem em benefício da progressão temática. A recategorização, assim, está diretamente ligada “ao processo evolutivo das anáforas”. A nomenclatura *acrécimo* deixaria de fazer sentido, visto que seria redundante, já que se assume que todas as alterações no referente são geradas pela adição de algum elemento.

A recategorização, viabilizada pelas anáforas, se subdivide, de acordo com as autoras, em duas funções discursivas que se relacionam às estabilizações e às desestabilizações dos referentes. São elas: a manutenção referencial e a progressão referencial. Tais funções são identificadas tanto em elementos da linguagem verbal como em

elementos da não verbal. No quadro abaixo, vemos como ficaria essa reformulação proposta.

Quadro 2 – A proposta de Cavalcante e Brito (2017)

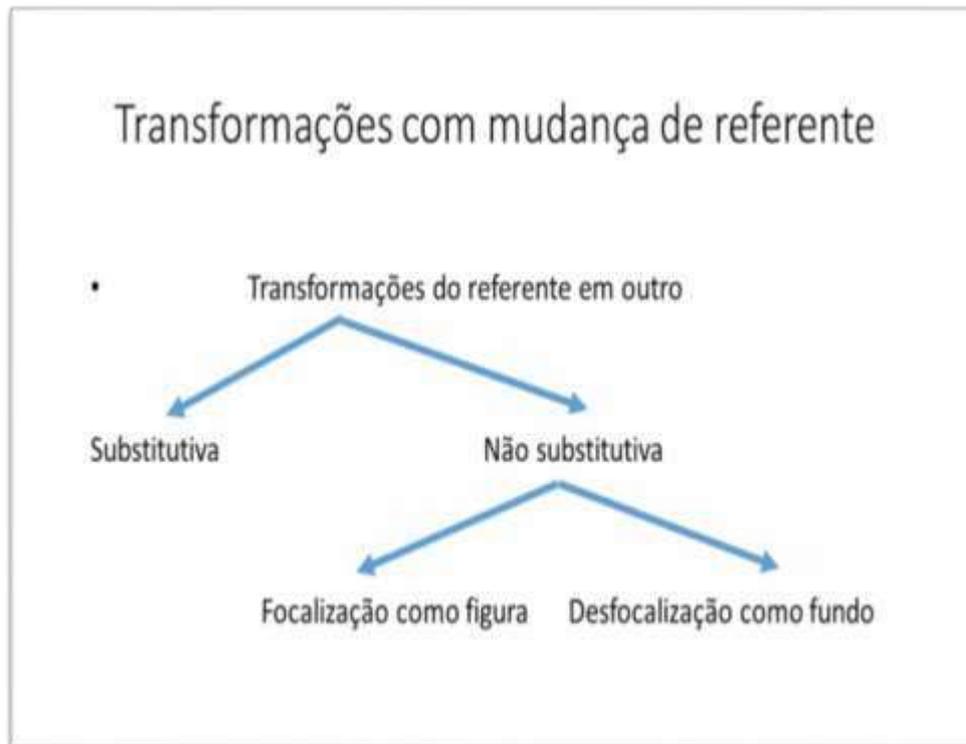


Fonte: Cavalcante e Brito (2017)

Mesmo com essa diferenciação bem marcada entre apresentação e recategorização de referentes, sabemos que há uma mudança brusca do referente quando a intenção do locutor é recategorizar aquilo que fora dito. Por isso, essa marcação de referentes sugere a relação de *figura e fundo*. Essa foi uma constatação de grande importância para os estudos relacionados a referentes construídos a partir de imagens. Para que haja a relação *figura/fundo*, Cavalcante e Brito (2017) sugerem duas situações: a) a mudança no referente ocorre de forma que o leitor é surpreendido com a alteração feita, assim há a mudança como *figura*, e aquilo que já não se diz mais sobre o referente concebe-se como fundo (essa percepção dá a ideia de um transformação sofrida pelo referente); b) a mudança no referente acontece de forma que o referente é apresentado e sua recategorização aparece mutuamente, sem haver uma substituição, assim figura e fundo ocorrem ao mesmo tempo, sem se excluírem, a fim de construir o sentido do texto. Tais categorias nos confirmam como o referente se (re)constrói a todo momento no texto.

A transformação que ocorre nos referentes e causa essa mudança, então, pode ser analisada segundo o seguinte quadro.

Quadro 3 – Transformações do referente em outro



Fonte: Cavalcante e Brito (2017)

Nesse esquema, vemos que os objetos de discurso podem ser substituídos ao serem recategorizados, e o que era fundo passa a ser figura, e vice-versa. Já quando figura e fundo ocorrem concomitantemente, devemos apontar no texto apenas o que está focalizado e o que está desfocalizado. É importante ressaltar que essas focalizações, oriundas de toda a composição textual, sugerem ao leitor de que forma a recategorização deve acontecer. Nas charges que analisamos, percebemos o quanto o visual influencia para esse processo e indicamos qual (ou quais) metafunção mais contribui para a efetiva ocorrência do processo.

Em charges, acreditamos que a relação de *figura/fundo* ocorre constantemente, visto que a aparição de todos os elementos em suas várias semioses se dá de forma instantânea, como uma aparição de tudo ao mesmo tempo. Nessa situação, cada leitor irá eleger o que mais se sobressai a partir de seus conhecimentos ativados. É a partir dessa leitura que podemos indiciar a apresentação e a manutenção dos referentes. Nessa pesquisa, apresentamos como método para descobrir os indícios dessa construção referencial as categorias descritas, e anteriormente mencionadas, pela GDV, pois não temos como nos debruçar ainda em um estudo que aponte a visão dos leitores.

Para exemplificar como propomos essas relações em nossas análises, observemos a charge que segue.

Charge 6- Impeachment



Fonte: Jornal O Povo 04/08/2016

O texto retrata o processo de impeachment sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016. Prestes a acontecer a votação do impeachment, essa charge foi divulgada. O fato de a imagem da ação da personagem ser direcionada a uma pequena piscina com o nome “IMPEACHMENT” sugere a situação irreversível em que se encontrava a ex-presidenta. Se tomamos a personagem Dilma como introdução referencial, temos muitos elementos que atualizam a situação dessa figura. A barbatana de tubarão dentro da água sugere o perigoso e, ao que parece, inevitável caminho para onde a presidenta se direciona. Enquanto a presidenta era introdução referencial, tínhamos em uma posição de figura. Ao olhar para a piscina, o foco será direcionado para o fato que ocorre com a personagem – não conseguir escapar de um processo de impeachment. Nessa situação, vemos que os dois elementos principais da imagem, Dilma e piscina, se revezam na posição de *figura/fundo*, podendo ser ora um ora outro.

Se olharmos para essa imagem de acordo com as categorias das metafunções propostas por Kress e van Leeuwen (2006), temos diversas possibilidades de análises que indiciam os referentes. A cor dos objetos da imagem é bastante chamativa, o que revela como a saliência e o enquadramento estão em conformidade com a tarefa de apresentar ou até

mesmo retomar os referentes. A direção de Dilma à piscina é favorável para demonstrar que uma ação transacional se estabelece e revela o significado de que é uma ação inevitável, de que há uma situação de apuros para a personagem. Essa ação também revela o sentimento de medo e de tensão, pois são colocados traços de respingo de suor e traços de tremor ao redor de Dilma, além da própria expressão facial. Tudo isso contribui para que o referente Dilma seja compreendido pelo leitor.

3. METODOLOGIA

No percurso que traçamos para este trabalho, optamos por esmiuçar a teoria que nos serviu de base de modo que compusesse oportunamente nossa proposta de análise. Devido à escassez de exemplos que contemplassem o modelo analítico para a linguagem verbal e não verbal, de acordo com os conceitos da referenciação e da GDV, tratamos de vários exemplos nossos como já um objeto de análise. Por isso, em todos os capítulos, há exemplos inéditos que estão atrelados às teorias de forma a demonstrar e justificar o que propomos aqui.

3.1. Método de abordagem

Esta pesquisa se pauta pelo método indutivo, pois partimos da efetiva observação dos dados encontrados nas charges para constatar as regularidades de traços imagéticos que colaboram para a introdução e para a retomada recategorizadora de referentes. A partir das constatações de Oliveira-Nascimento (2014), Teixeira (2016), Brito e Cavalcante (no prelo) sobre aspectos da metafunção composicional e representacional na construção de referentes em textos multimodais, e sobretudo a partir dos indícios revelados pelos dados, elaboramos hipóteses sobre as categorias das metafunções composicional, representacional e interativa. Assim, observamos as metafunções propostas pela GDV no gênero charge a fim de verificarmos como se descrevem os processos referenciais que são construídos por pistas verbais e imagéticas em charges.

3.2. Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa utilizado para este trabalho será de natureza descritivo-exploratória, visto que pretendemos relacionar os processos referenciais apontados pela Referenciação e pela proposta da GDV, que abrange os elementos para análise de recursos multimodais das metafunções composicional, representacional e interativa. Além disso, exploramos essas relações para identificar as implicações que surgem quando se constrói o referente por elementos verbais e não verbais concomitantemente, além de relações intertextuais e argumentativas apresentadas pelo não verbal.

3.3. Delimitação do universo

Nesta pesquisa, damos conta da análise da construção do referente por meio da linguagem verbal e não verbal, a partir das descrições dos processos referenciais de introdução referencial e de anáforas e da identificação dos recursos visuais utilizados nas charges selecionadas.

O *corpus* da pesquisa se constituiu de 30 charges do jornal cearense O Povo, referentes aos anos de 2013 a 2016. Como delimitação desse universo, elegemos como fator primordial aquelas que apresentem linguagem verbal e não verbal. Nesse ponto, levamos em consideração a hipótese de que é possível apontar regularidades na relação entre traços imagéticos, descritos nas metafunções representacional, interativa e composicional, e processos referenciais. Os temas foram escolhidos aleatoriamente da seção de opinião do jornal. Essa quantidade de charges serviu como amostra em relação ao universo de processos correferenciais atinentes a esse gênero, proporcionando à pesquisa o desenvolvimento de análises e resultados consistentes e, conseqüentemente, dando contribuições para a Linguística Textual.

Considerando a seção de opinião, optamos por charges que estivessem contextualizadas de acordo com as últimas informações dadas pelo jornal, para que pudéssemos detalhar minuciosamente a temática das charges escolhidas, visto que a efemeridade é característica marcante desse gênero.

Dessa forma, aliamos um gênero de natureza imagética ao conteúdo verbal nele mencionado, o que nos permitiu compreender a influência das metafunções composicional, interativa e representacional para a construção de sentido e de referência nas charges.

Decidimos separar as metafunções em blocos para uma organização metodológica melhor no diz respeito à interpretação dos dados. Assim, ao tratar da metafunção composicional, analisamos os critérios de saliência e de enquadramento e sua influência em dar pistas para introduções referenciais e anáforas diretas. Em relação à metafunção interativa e representacional, fizemos as constatações quanto ao favorecimento de indícios de introduções referenciais e recategorizações dos referentes. Além disso, com base nos estudos de Brito e Cavalcante (2017), demonstramos a não exclusão existente entre as categorias de narrativa e conceitual da metafunção representacional. Embora tenhamos organizado de forma didática as metafunções por blocos nas análises, não desconsideramos a possibilidade de duas ou mais metafunções atuarem concomitantemente para o aparecimento ou para a progressão de um dado referente nas charges.

A charge abaixo nos faz refletir sobre essas hipóteses e nos levou a discussões preliminares acerca dos resultados obtidos nessa pesquisa.

Charge 7 – Aumento da conta de luz



Fonte: Jornal O Povo 24/04/2016

Percebemos que há uma chamada pelos elementos verbais para o tema da charge, o aumento da conta de luz em 2016. Essa chamada verbal é recategorizada pelo elemento não verbal, a imagem de uma lâmpada com uma caveira estampada. A partir disso, refletimos sobre como o posicionamento da lâmpada e os raios ao redor poderiam recategorizar esse referente “conta de luz”. Os critérios de saliência e de enquadramento ressaltariam como a composição dos elementos da charge apresentam ou recategorizam o referente. De que forma o contato e/ou a distância social estabeleceriam algum tipo de influência na recepção do leitor diante de uma caveira que representa o aumento do preço de energia? Além disso, haveria alguma forma de a imagem aliada ao verbal transpor o traço argumentativo do autor do texto? São várias as questões que emergem quando analisamos os dados. Os critérios que elegemos serão discutidos e organizados para que fossem demonstradas algumas das regularidades dessa relação entre o verbal e o não verbal.

3.4. Técnicas de pesquisa

Para a coleta dos dados, primeiramente revisitamos o acervo do jornal O Povo de 2013 e 2016 para selecionarmos apenas as charges que são compostas por linguagem verbal e

não verbal. Em seguida, organizamos por blocos temáticos para caracterizar cada charge de acordo com os recursos multimodais e os processos referenciais encontrados. Além disso, trazemos à tona a figura do *ethos efetivo* que se revela a partir da argumentação presente nas charges. Fizemos uma pesquisa qualitativa, visto que houve uma análise interpretativa dos dados baseada no olhar do pesquisador a partir das metafunções propostas pela GDV. Todas as charges serão analisadas no programa Word, pois foram colocadas em uma tabela própria, conforme modelo a seguir, para a análise das categorias propostas pelas metafunções representacional, interativa e composicional.

Tabela 1 – Tabela modelo para análise dos dados

CHARGE	METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
IMAGEM	Metafunção Composicional	Valor informativo Enquadramento Saliência	Introdução de referentes Anáforas diretas Anáforas indiretas (Recategorizações)
	Metafunção Interativa	Contato Distância Social Perspectiva	
CONTEXTUALIZAÇÃO	Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

Fonte: Modelo analítico elaborado pela autora.

De acordo com o quadro, analisamos cada subclasse nas charges escolhidas e elegemos as subclasses que mais se sobressaltaram para compor a análise do capítulo 4.

3.5. Procedimento de análise dos dados

Nesta pesquisa, selecionamos as charges do jornal O Povo que contemplavam linguagem verbal e não verbal, independentemente da temática. Em seguida, utilizamos tabelas do Word para separar as categorias de análise das metafunções. Para a metafunção composicional, observamos os instrumentos de *valor informativo*, de *saliência* e de *enquadramento* presentes nas charges. Já da metafunção interativa, analisamos o *contato*, a *distância social* e a *perspectiva* como instrumentos. Por fim, para a metafunção representacional, tivemos como instrumentos a *narrativa*, com os processos de ação, e a *conceitual simbólica*. Identificados os traços engatilhados por essas metafunções, pudemos

estabelecer quais os mais regulares para a construção das introduções e das anáforas diretas e indiretas nos textos das charges analisadas.

4. O ENLACE DA REFERENCIAÇÃO E DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Nesta seção, temos as discussões acerca dos resultados obtidos após a aplicação e o preenchimento da tabela que sugerimos na metodologia. Já adiantamos que, no *corpus* dessa pesquisa, temos a linguagem não verbal sobressaindo-se à verbal no que diz respeito ao volume de marcas cotextuais. A despeito dessa discrepância, todas as formas de manifestação na superfície textual são importantes para a manutenção e progressão da referência e podem estar a serviço de metafunções. Mas não devemos afirmar que uma metafunção corresponde, biunivocamente, a um dado processo referencial, pois essa relação não pode ser dada aprioristicamente. Sabemos apenas que todas essas relações estão imbricadas de tal forma que será preciso uma análise minuciosa para estabelecermos algumas regularidades existentes entre as metafunções e os processos referenciais.

Para a apreensão do sentido das charges, sabemos que é imprescindível a inferência feita pelo leitor. Marcuschi (2007, p. 88) nos diz que é “impossível não inferir quando quer produzir significações...”, logo temos diversas inferências que são apontadas como ponto de partida para que o leitor busque significado nas charges. Em nossas análises, marcas de intextertualidade e de argumentação são identificadas também pelas imagens, mas trataremos disso de modo sintetizado, visto que nossas hipóteses estão voltadas para a construção do referente por meio dos elementos não verbais apontados pelas metafunções da GDV.

Nossas hipóteses são as de que a metafunção composicional indicia introduções referenciais e anáforas indiretas a partir dos critérios de saliência e de enquadramento a que estão submetidos os elementos imagéticos; as metafunções interativa e representacional podem estar a favor do aparecimento de introduções referenciais e de retomadas anafóricas; a metafunção representacional apresenta um relação imbricada entre as subclasses narrativa e conceitual, que indiciam anáforas diretas e indiretas. Essas hipóteses não estão necessariamente determinadas como parâmetros imutáveis, pois as metafunções se imbricam de tal forma que uma ou mais podem influenciar nas pistas relacionadas aos processos referenciais como um todo.

Optamos por dividir em três tópicos de análise. O primeiro contempla o que é pertinente à metafunção composicional, o segundo trata da metafunção interativa e, por fim, o terceiro trata da metafunção representacional. Apresentamos a charge e um breve contexto que motivou sua produção. Em seguida, fizemos uma análise de como os referentes aparecem

e de como as metafunções influenciam esse processo em cada texto. Em cada análise, ressaltamos a importância do aspecto intertextual e argumentativo para a construção de sentido das charges. Passemos para as discussões dessas possibilidades entre a Referenciação e a Gramática do *Design Visual*.

4.1. A metafunção composicional e os referentes

A composição textual já suscita no leitor um todo de sentido que o autor do texto pretende transmitir. Quando se trata de textos multissemióticos, essa composição é sempre bem pensada para que a atenção do leitor seja fisgada, principalmente em se tratando de textos que circulam nas mídias virtuais a todo momento. As charges, que já apresentam uma criticidade por natureza, trazem no seu traço caricaturesco e na sua organização de elementos diversas possibilidades que podem indiciar objetos de discurso.

Ao fazermos a análise do valor informativo, do enquadramento e da saliência, subclasses da metafunção composicional, nas charges, destacamos alguns traços relevantes e recorrentes que se sobressaem para a introdução e manutenção dos referentes. O valor informativo, a saliência e o enquadramento são elementos que dão à constituição da charge um todo de significado a partir da composição feita pelo chargista.

Em nossas análises, o valor informativo revelado pela relação de Dado-Novo é o mais recorrente. Oliveira-Nascimento (2014) também já havia ressaltado esse aspecto em sua pesquisa. Se já temos a leitura canônica marcada pelo olhar do leitor da esquerda para a direita, nas charges isso se torna também comum na medida em que diversas expressões verbais surgem à esquerda, muitas vezes, e indiciam referentes ou recategorizações. Vejamos o que ocorre no exemplo a seguir.

Charge 8 – Gás de cozinha



Fonte: Jornal O Povo 07/12/2015

Como já afirmamos, não podemos dizer que elemento será perceptível para o leitor assim que ele olhar para a imagem, mas podemos elencar, com finalidade metodológica, algumas expressões que introduzem os referentes. Consideramos a expressão “Gás de cozinha” como uma introdução referencial, até mesmo por se tratar do título da charge. A própria disposição dos elementos nos indica isso, pois essa informação é tomada como Dado, uma vez que já fora divulgada amplamente pela mídia, e a imagem do gás caindo é o Novo, visto que traz uma informação a mais, de caráter até argumentativo, sobre aquilo que foi dito.

Temos aí a relação intertextual que faz alusão às notícias que circulavam na mídia sobre a alta do preço do gás. Desse fato, o autor introduz o objeto de discurso com o título e faz a retomada do referente com a imagem do gás e da dona de casa correndo. Essa retomada é uma recategorização do gás como progressão referencial, pois faz menção à situação de que o objeto “passará por cima da dona de casa” como uma avalanche. Assim o objeto passa por um processo de retomada recategorizadora, o que leva à progressão do referente. Inicialmente, a informação dada já era a conhecida pelos leitores, o aumento do preço do gás de cozinha. Em seguida, com a imagem, o que aparece como novo é objeto sendo recategorizado como algo que atingirá negativamente as donas de casa, que representam os consumidores em geral desse produto.

Há uma primeira focalização para o que é dito na parte verbal. Em seguida, o objeto de discurso “gás” passa por uma transformação, pois o que era figura (parte verbal) passa a ser fundo, já que a retomada recategorizadora transforma o “gás” e retoma como sendo toda a situação vivenciada pelas donas de casa. Essa situação demonstra a progressão referencial que ocorreu, e passa a ser o foco da informação.

Para um leitor atento às notícias diárias, as inferências se darão de forma mais rápida e mais ampla para que ele alcance o sentido do texto. Já para um leitor alheio a essa informação da charge, será a própria charge que irá apresentá-lo ao que está sendo divulgado amplamente na mídia e ainda fará com que ele forme uma opinião de imediato sobre o assunto, visto que o caráter argumentativo presente nas imagens influencia o leitor a associar a informação do custo do gás a algo negativo. Para formar essa opinião, a dona de casa e sua expressão corporal e facial, o gás caindo, as pedras que rolam do barranco, tudo isso engatilha anáforas indiretas para que o interlocutor recupere essa parte negativa relacionada ao aumento do preço do gás. Ao utilizar todos esses elementos, o ethos efetivo se instaura e lança ao leitor, a partir das recategorizações referenciais, o que se deve pensar sobre a situação de

aumento do preço do gás de cozinha. É assim que afirmamos o quanto esses critérios da metafunção composicional contribuem para a identificação dos referentes e para a formação de opinião sobre o tema da charge.

Os outros traços da metafunção composicional que foram analisados, enquadramento e saliência, estão bastante imbricados, já que são responsáveis pela composição dos elementos de cor, de luz, de sombra e de traços dos objetos representados. Quanto mais destaque, saliência, é dado a um elemento do texto, menos enquadramento haverá na composição textual. Vemos isso na charge seguinte, que é de novembro de 2015, quando houve um grave acidente em Mariana, Minas Gerais. Aconteceu o rompimento da barragem da mineradora Samarco, que ocasionou uma enxurrada de lama na cidade de Bento Rodrigues. Essa tragédia repercutiu no Brasil inteiro e gerou muita comoção devido ao número de famílias que ficaram desabrigadas e aos inúmeros problemas ambientais gerados pelo lamaçal.

Muitos textos verbo-visuais surgiram acerca da situação. Vejamos mais um exemplo sobre esse tema.

Charge 9 – Tragédia em Mariana



Fonte: Jornal O Povo 24/11/2015

A charge nos mostra uma divisão entre o Rio Doce, em azul, que foi afetado pela

lama, e a própria lama que o atingiu. A expressão “Tragédia” é representada pela imagem da lama que escorre rio adentro. Essa representação formada pelo verbal e não verbal constitui o objeto de discurso, que foi introduzido pelo nome “Tragédia” e retomado como progressão referencial pela imagem da lama que escorre. Nesse caso, há uma continuidade de cores e de formas para representar a situação, o que demonstra um *enquadramento* alinhado até então. Porém, quando nos deparamos com o restante da imagem, há a representação do rio todo em azul e um barco sozinho. Ao termos essa visão do todo, o *enquadramento* passa a ficar “fraco”, pois deixa de haver uma espécie de continuidade entre os elementos e surge um foco para o que se quer chamar atenção, justamente porque há uma evidência maior para a lama e para o nome “Tragédia” que se forma. Assim, a *saliência* é um aspecto que gera um foco para o referente, podendo tanto apresentá-lo como uma introdução referencial como ressaltar a relação de *figura/fundo* discutida por BRITO e Cavalcante (no prelo). Se tomamos a expressão verbal como introdução referencial, haverá uma recategorização do referente por progressão referencial, visto que, por meio da imagem da lama, há a representação da destruição do local do acidente. Assim, *figura* e *fundo* ocorrem simultaneamente; e as categorias de *enquadramento* e de *saliência* nos permitem essa visualização.

Essa relação de *enquadramento* e *saliência* são as que mais indiciam introduções referenciais, segundo nossas análises, devido ao fato de a disposição das imagens jogar o foco naquilo que mais interessaria ao leitor. A recategorização que ocorre pela imagem permite a progressão do referente “Tragédia”. Isso se dá por haver o apelo feito pela imagem a fim de negociar com o leitor a apreensão do impacto sofrido pela região onde ocorreu a tragédia, o que releva também o traço argumentativo da charge. O chargista procura atingir o interlocutor para que haja a sensibilização e a tomada de consciência sobre o que o acidente em Mariana provocou. Assim, o *ethos efetivo* é revelado.

Dessa forma, percebemos o quanto a metafunção composicional possibilita a análise dos referentes e de suas retomadas quando se dá essa construção por meio do verbal e do não verbal. Cada elemento disposto na imagem permite sempre que o interlocutor apreenda o sentido como um todo, além de indicar um ponto de vista sobre o que é retratado na charge.

4.2. A metafunção interativa e os referentes

As subclasses que analisamos da metafunção interativa foram o contato, a distância social e a perspectiva. São relações que tratam da interação entre o leitor e o texto e

requerem muitas inferências para a construção do referente que elas apontam.

A charge abaixo é do início de 2016, quando a Organização Mundial da Saúde já alertava para o surto de Zica que aconteceria na América. Se elegermos a expressão verbal como introdução referencial, temos que os desenhos do homem, das redes para caçar mosquito e dos mosquitos são responsáveis pelas relações anafóricas que surgem. Para alcançar esses significados produzidos, há o *contato de oferta* entre os participantes representados e o leitor, pois os personagens se relacionam apenas entre si. O leitor está como um mero espectador da situação em que o homem tenta capturar o mosquito, e um mosquito muito maior tenta capturar o homem. Percebemos que esse *contato de oferta* entre personagens e leitor é recorrente no gênero charge e sugere processos anafóricos sobre o tema, justamente por esse contato exigir que o leitor recupere sentidos a partir da interação que há entre os personagens representados nas charges. Na imagem abaixo, isso se dá por meio de uma recategorização do referente Zica vírus. Quando a parte verbal diz que a Zica se espalhará, a imagem reporta ao homem que tenta de alguma forma, nem que seja com uma rede, pegar os mosquitos espalhados. Porém, atrás do homem, há a imagem de um mosquito bem maior que vai à caça do homem, o que revela a retomada recategorizadora de que o inseto será mais poderoso por ser o transmissor da doença Zica vírus. Essa representação retoma a ideia de que o vírus se espalhará de tal forma que ele, por meio da figura do mosquito, que capturará a raça humana. Assim, a doença Zica é recategorizada por progressão referencial pela imagem do inseto. Temos nessa charge também a noção de *figura/fundo* bem distinta, pois a doença mencionada na parte verbal, ao ser retomada pela imagem, ganha maior visibilidade, e o que, na parte verbal, era *figura* passa a ser *fundo*, já que o destaque do texto está voltado para a imagem do mosquito.

Charge 10 – OMS alerta sobre zica vírus



Fonte: Jornal O Povo 27/01/2016

Outra ocorrência que observamos ser bastante marcante das relações interativas é a predominância do *plano aberto* da imagem quando analisamos a subclasse *distância social*. Essa característica permite que o leitor tenha uma visão ampla de todo o corpo dos personagens representados, o que leva a significações múltiplas e influencia na construção do referente. Vejamos o que sugere a charge a seguir.

Charge 11 – Obras da Copa

OBRAS DA COPA



Fonte: Jornal O Povo 10/06/2014

Em 2014, o Brasil sediou a Copa do Mundo. Várias obras estavam acontecendo nas cidades que sediaram os jogos do mundial. Muitas dessas obras sofreram atrasos, logo surgiram diversas críticas nos jornais sobre o assunto.

Na charge acima, tomamos como introdução referencial o título da charge, Obras da Copa. Esse referente é recategorizado pela imagem da tartaruga, que faz uma alusão às condições das obras no país, “lentas como uma tartaruga”. Essa recategorização já marca a progressão referencial. O efeito de *distância social* em *plano aberto* permite ao leitor perceber que a tartaruga virada de barriga para cima remete, por anáfora indireta, à situação em que se encontrava o país antes da Copa do Mundo com o caos nas obras, “viradas ao avesso”. Além disso, a *perspectiva* da imagem também contribui para essa construção desses significados, pois há recorrência do *ângulo frontal* em imagens de *plano aberto*. Esse ângulo possibilita que o interlocutor tenha uma visão de todo o personagem e possa apreender o sentido por meio da expressão corporal do participante representado.

A metafunção interativa, a partir da *distância social em plano aberto* e da *perspectiva em ângulo frontal*, nesse caso, ativa anáforas indiretas a respeito do conhecimento de mundo leitor, que estabelece críticas tanto ao evento quanto à participação do Brasil no mundial. Essa construção de sentido é importante por revelar a influência do caráter argumentativo da charge para o interlocutor.

Acreditamos que a metafunção interativa está intrinsecamente relacionada ao modo como o interlocutor assimila a crítica proposta pelo chargista. Nessa interação entre autor, interlocutor e texto, são suscitadas percepções do objeto com todas as atribuições de criticidade que o autor pretende passar, ou seja, o *ethos efetivo* é revelado. Para que o leitor alcance esse ponto crítico, anáforas indiretas precisam ser ativadas, o que é possível por meio dessas indicações da metafunção interativa. O *contato de oferta*, a *distância social em plano aberto* e a *perspectiva em ângulo frontal* são fatores recorrentes que contribuem para esse processo de construção de sentidos nas charges.

4.3. A metafunção representacional e os referentes

A metafunção representacional tem um traço singular, em nossas análises, por nos revelar como a apresentação dos elementos imagéticos se dá e como eles entram em relação para a construção de sentido. Escolhemos nos concentrar nas subclasses *conceitual* e *narrativa* para explorar nesse trabalho por acreditarmos que são as que mais indiciam os referentes nas charges, de acordo com recentes estudos de Brito e Cavalcante (a sair).

Em relação à função *conceitual*, temos, segundo a GDV, uma relação de distribuição dos personagens. Acreditamos que a representação *conceitual simbólica* fornece o maior número de pistas para a construção de referentes, visto que esse critério de análise engatilha anáforas indiretas. Na charge abaixo, temos um exemplo disso.

Charge 12 – Dia Internacional da Mulher



Fonte: Jornal O Povo 08/03/2016

Quando o interlocutor se depara com o gesto de entrega da rosa em formato de globo terrestre a uma mulher, há um movimento engatilhado por anáfora indireta que remete o leitor ao fato de que a mulher pode “ganhar o mundo”. Diante das constantes discussões do espaço conquistado pela mulher na sociedade atual, a imagem sugere que as mulheres podem ter o mundo inteiro em suas mãos, conquistar e construir o mundo que quiserem. Assim, a imagem traz um *conceito simbólico* para expressar a mensagem que se pretender passar no Dia Internacional da Mulher. Isso faz com o que referente seja retomado por uma progressão referencial sugerida pelas anáforas indiretas que a imagem suscita.

Em se tratando da função *narrativa*, sabemos que está relacionada ao movimento que uma imagem, mesmo sendo estática, pode reproduzir por meio dos personagens representados. Essas ações são indicadas por um vetor que há entre o personagem que age e o que recebe a ação. Conforme discutimos no capítulo 2, se há interação entre os personagens da própria imagem, veremos uma *ação transacional*. Caso a interação seja entre o personagem e o leitor, veremos uma *ação não transacional*.

Nessa pesquisa, temos a representação *narrativa* com *ação transacional* predominante nas charges analisadas. Abaixo vemos um exemplo disso quando podemos perceber um vetor que parte do olhar do Frajola para a personagem Dilma, representada com o corpo do Piu piu.

Charge 13 – Dilma e oposição



Fonte: Jornal O Povo 02/11/2014

Essa interação dos personagens revela ainda mais o fato de Frajola querer caçar o

Piu piu, tanto pelo olhar quanto pela imposição das mãos. Esse vetor permite engatilhar a informação de que a oposição – Frajola – pretende “capturar” o governo Dilma. Assim, por anáfora indireta, o interlocutor é capaz de apreender esse sentido da charge.

A charge, de 2014, trata da ex-presidenta Dilma, que estava com dificuldades para executar projetos devido à oposição ao governo. Há muitos elementos na charge que contribuem para a construção desse sentido. Se temos a personagem Dilma como introdução referencial, haverá uma recategorização dessa personagem quando se tem a visão do corpo dela como sendo o do Piu piu. Assim, depreendemos, por uma retomada recategorizadora por progressão, toda a situação do governo Dilma ser comparada à fragilidade do personagem Piu-piu.

Além dessas possibilidades de análise, não podemos deixar de enfatizar o caráter intertextual presente na charge. Se essas associações anafóricas são possíveis, é porque recuperamos pelo conhecimento de mundo o desenho animado infantil do Piu piu e Frajola. Sabemos que é uma tentativa eterna e sem sucesso a de Frajola insistir em capturar o passarinho inocente, Piu piu. Na charge, há a alusão a essa situação quando se compara os personagens representados – Dilma e oposição - aos do desenho animado. Isso reforça o aspecto argumentativo que joga para o leitor, por meio de uma comparação de personagens em diferentes situações, uma crítica no que tange ao comportamento dos participantes representados na ação. Mais uma vez o *ethos efetivo* do autor da charge se revela para que o interlocutor esteja em consonância com os argumentos propostos pelo criador do texto.

Diante de algumas pressuposições acerca dessas possíveis cadeias referenciais que as imagens são capazes de reproduzir, Brito e Cavalcante (a sair) fizeram um estudo sobre a metafunção representacional. As autoras propuseram uma rediscussão das subclasses *narrativa e conceitual*.

Krees e van Leeuwen exploram na GDV essas subclasses da metafunção representacional como excludentes entre si. Quando nos deparamos com os estudos da GDV, temos a visão de que os objetos representados que demonstram algum processo de ação não podem ter um valor simbólico que permite classificá-lo como conceitual. Tendo em vista que podemos atribuir algum conceito relacionado ao conteúdo que a própria imagem pode revelar, seja ela narrativa ou não, concordamos com Brito e Cavalcante (a sair), que afirmam ser “muito mais vantajoso propor uma classe de elementos “conceituais” propriamente ditos (vistos em termos de conceitos representados), que poderiam figurar tanto em imagens Narrativas quanto nas Não narrativas.”.

Essa é uma das discussões que confirmam todas as possibilidades aqui

apresentadas de os referentes serem apontados pela imagem. Na charge abaixo, propomos a análise que alia os traços *narrativos* aos *conceituais* e refletimos sobre como essa relação apresenta e retoma os referentes para a construção de sentido no texto.

Charge 14 – Impeachment



Fonte: Jornal O Povo 04/08/2016

A charge data do início do segundo semestre de 2016, próximo já da aprovação do impeachment de Dilma Rousseff. Vemos que a personagem Dilma está num processo de ação, pois pula do trampolim para o recipiente em que está escrito “impeachment”. Há um vetor que parte da personagem em direção ao objeto que comprova essa ação.

Por esses traços, poderíamos dizer que, em relação à metafunção referencial, a *ação transacional* introduz o referente Dilma. Esse referente é retomado pela expressão “impeachment”, que irá acionar no leitor, por anáfora indireta, toda a situação de instabilidade em que se encontrava o governo da ex-presidenta. Mas, além disso, temos no recipiente amarelo uma simbologia muito marcante que nos leva a apresentá-lo como um participante *conceitual simbólico*.

Se pensarmos que o recipiente representa a oposição, os partidos que queriam derrubar o governo Dilma, a parte da população que era a favor do impeachment, teremos

sobre esse objeto um conceito instaurado. Nas cores utilizadas em cada objeto representado – vermelho para o maiô de Dilma e amarelo para o recipiente -, há também uma alusão ao partido a que cada participante está aliado. Logo, é possível identificar processos anafóricos suscitados por essa relação imagética.

Dessa forma, há uma concomitância entre as representações *narrativas* e *conceituais* que nos leva a confirmar a importância de analisar as duas como possíveis para apresentação e retomada de referentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos novos rumos tomados pelos estudos de Linguística Textual atualmente, propusemos uma pesquisa que contemplasse textos multissemióticos. Nosso trabalho teve como objetivo geral demonstrar como traços imagéticos, quando aliados a elementos verbais e contextuais, são relevantes para a apresentação, manutenção e progressão dos referentes nesses textos.

Para atingir esse objetivo, resenhamos os pressupostos de base mais atuais da LT no que diz respeito à referenciação, à argumentação e à intertextualidade. Aplicamos essas três abordagens ao gênero charge, relacionando-as às categorias estabelecidas pela Gramática do *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2006). Tais categorias nos serviram de parâmetro para a análise das imagens, em relação a sua disposição, sua interação e seus modos representacionais.

Quando tratamos de LT, recorremos aos trabalhos de Koch (2004), Koch e Elias (2006) e Koch e Travaglia (2015) para nos situarmos quanto aos conceitos básicos dessas linhas de análise. Escolhemos Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), além de diversos outros trabalhos de autores vinculados ao grupo de pesquisa PROTEXTO, da Universidade Federal do Ceará, para ancorar a definição de texto e contexto nos estudos mais recentes em LT. Feito isso, adotamos a noção de que as imagens representativas no âmbito dos textos multissemióticos possibilitam diversos significados para a produção de sentido.

De acordo com essa apreensão, elaboramos um quadro de análise que contemplasse as metafunções propostas pela GDV e os processos referenciais de introdução e de anáfora. Escolhemos charges do jornal *O Povo*, periódico cearense, e realizamos a verificação das regularidades entre as subclasses das metafunções interativa, representacional e composicional e o favorecimento da aparição de pistas que indiciam introduções referenciais e processos de recategorização.

Em um primeiro momento, essas análises nos levaram a crer nas seguintes hipóteses: a) a partir dos critérios de *saliência*, de *valor informativo* e de *enquadramento*, indicados pela metafunção composicional, é possível verificar a incidência de introduções referenciais e de anáforas indiretas promovidas pelos elementos imagéticos; b) o aparecimento de introduções referenciais e de retomadas anafóricas são indicados pelas metafunções interativa e representacional; c) há uma relação imbricada entre as subclasses

narrativa e conceitual da metafunção representacional, o que indicia anáforas diretas e indiretas. A divisão dessas relações se dá por critérios puramente metodológicos e didáticos, visto que a ocorrência das metafunções aparece concomitantemente por vezes.

Após esse percurso estabelecido, percebemos a necessidade de tratar de alguns aspectos fundamentais da argumentação, segundo Meyer (2007), e da intertextualidade, conforme Cavalcante, Brito e Zavam (2017), nas charges analisadas. Por se tratar de um gênero com temas pautados nos acontecimentos cotidianos e se construir a partir de outros gêneros do discurso presentes em jornais, a charge apresenta uma criticidade muito influenciadora para os leitores e uma relação explícita com outros textos. Dessa forma, tratamos da argumentação estabelecida pelo *ethos efetivo* e da intertextualidade presente por meio de alusões e de referências.

A partir desses pressupostos teóricos estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa, prosseguimos com a análise do *corpus*, composto por 30 charges com temas variados. Nossas hipóteses foram confirmadas à medida que notamos o quanto as ocorrências de introduções e recategorizações referenciais se faziam presentes a partir do que era reproduzido nas imagens. É certo que, como já mencionamos, as metafunções estão fortemente imbricadas quando aplicamos suas categorias às imagens, porém há regularidades indicadas por cada metafunção particularmente, o que não exclui a possibilidade de um estudo que busque regularidades concomitantes para as três metafunções da GDV aliadas aos processos referenciais.

Assim podemos chegar às seguintes conclusões desse trabalho:

- i) os processos referenciais de introdução e de recategorização podem ser realizados por meio de imagens, que se revezam na função de *figura/fundo*;
- ii) a metafunção composicional revela o aparecimento de introduções e de anáforas indiretas quando se tem foco voltado para o *valor informativo*, a *saliência* e o *enquadramento* do objeto de discurso reproduzido pela imagem;
- iii) a metafunção interativa sugere anáforas indiretas devido ao fato de os critérios de *distância social*, de *perspectiva* e de *contato* estarem mais relacionados às inferências feitas pelo interlocutor;
- iv) a metafunção representacional engatilha anáforas indiretas quando as subclasses narrativa e conceitual atuam para a construção de um referente por meio de ações entre os personagens representados ou por um conceito simbólico aplicado ao objeto;
- v) as subclasses da metafunção representacional, narrativa e conceitual,

estão intensamente relacionadas de modo que atuam conjuntamente para indicar introduções referenciais e recategorizações;

vi) a confirmação de ethos efetivo revela o caráter argumentativo das charges, pois a opinião do autor do texto é revelada à medida que constrói elementos de criticidade para o tema proposto na charge.

Alguns questionamentos ficam como possibilidades para pesquisas futuras, visto que há as relações entre subclasses que podem ser analisadas. Há também a possível análise das metafunções em textos verbo-imagéticos dinâmicos que, à luz da base teórica de Linguística Textual sobre a referenciação, seria de grande valor para comprovar fenômenos ainda não estudados.

Incluir a GDV em análises relacionadas à referenciação é um indício para um leque de oportunidades que surgem da imbricação desses estudos. Essa inclusão nos mostra como os parâmetros da GDV vão ao encontro das propostas de estudos de textos multissemióticos desenvolvidas pela LT atualmente.

Outros aspectos bastante interessantes observados de forma tímida nesse trabalho são os relacionados à argumentação e à intertextualidade. Percebemos o quanto o gênero charge traz em sua criação uma tendência a ser formador de opinião por tratar de assuntos cotidianos muitas vezes polêmicos. Nesse sentido, se assumimos o pressuposto de o traço argumentativo ser constitutivo dos gêneros discursivos, seria de grande relevância observar as minuciosas estratégias argumentativas - tanto em relação ao locutor quanto ao interlocutor - que costumam ser utilizadas nesse gênero. Além disso, a intertextualidade, outro traço constitutivo desse gênero, revela o emaranhado de efeitos que são produzidos a partir do que se constrói quando há relação com outro texto.

As percepções de nossas análises trazem grande contribuição para os estudos de Linguística Textual por ressaltarem a relevância de observar criteriosamente os elementos imagéticos para a construção de sentidos nos textos. A busca pelo efeito que a organização das imagens causa na aparição e retomada dos referentes nos mostrou como é possível, por meio dos critérios da GDV, identificar o objeto de discurso e sua progressão textual. Cabe a pesquisas futuras buscar outras regularidades que se configuram por meio desses estudos.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A grande arte de ser feliz**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Planeta. 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. Nociones básicas. In:_____.
Introducción a la lingüística del texto. España: Ariel, 1997. cap. 1, p. 33-47.

BRANDÃO, Pedro. **Charge Dilma e Lula**. 2015. Disponível em:
<<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/charges/2015/07/06/noticiasjornalcharge,3465427/chARGE-pedro-06-07-2015.shtml>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

BRITO, M. A. P., CAVALCANTE, M. M., ZAVAM, A. S. Intertextualidade e Ensino. In. PAULIUKONIS, A. P, MARQUESI, S. C., ELIAS, V. M. **Linguística Textual e Ensino**. São Paulo: Ed.Contexto, 2017.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan/jun 2003. 145.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012, 176 p.

CAVALCANTE, M.M e BRITO, M. A. P. **Estratégias de referenciação em textos multissemióticos** (a sair).CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar e BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014, 171p.

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. Recife.2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

CLAYTON. **Juros**. 2014. Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2014/11/11/noticiasjornalcharge,3643243/charge-clayton-11-11-2014.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

CLAYTON. **Homenagem a Robin Williams.** 2014. Disponível em:
<<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/charges/2014/08/13/noticiasjornalcharge,3297180/charge-clayton-13-08-2014.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

CLAYTON. **Seca no nordeste.** Disponível em:
<<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/charges/2014/02/14/noticiasjornalcharge,3206570/charge-clayton-14-02-2014.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

CLAYTON. **Bate-papo entre mosquitos.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2016/02/01/noticiasjornalcharge,3569455/charge-clayton-01-02-2016.shtml>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

CLAYTON. **Impeachment.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2016/08/04/noticiasjornalcharge,3643243/charge-clayton-04-08-2016.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

CLAYTON. **Aumento da conta de luz.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2016/04/23/noticiasjornalcharge,3607234/charge-clayton-24-04-2016.shtml>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

CLAYTON. **Gás de cozinha.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2015/12/07/noticiasjornalcharge,3545223/charge-clayton-07-12-2015.shtml>>. Acesso em: 07 dez. 2015.

CLAYTON. **Tragédia em Mariana.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2015/11/24/noticiasjornalcharge,3538780/charge-clayton-24-11-2015.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

CLAYTON. **OMS alerta sobre zica vírus.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2016/01/27/noticiasjornalcharge,3567283/charge-clayton-27-01-2016.shtml>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

CLAYTON. **Obras da Copa.** Disponível em:
<<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/charges/2014/06/10/noticiasjornalcharge,3279810/charge-clayton-10-06-2014.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

CLAYTON. **Dia Internacional da Mulher.** Disponível em:
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/charges/2016/03/08/noticiasjornalcharge,3585340/charge-clayton-08-03-2016.shtml>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

CLAYTON. **Impeachment.** Disponível em:
<<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/charges/2014/11/01/noticiasjornalcharge,3341083/charge-clayton-02-11-2014.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 330 f. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DIONÍSIO, A. P. VASCONCELOS, LEILA ; SOUZA, M. M. . **Multimodalidades e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. 1. ed. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

DUARTE, L. C. R. de P. **O gênero anúncio**: uma análise multimodal e semiolinguística da construção argumentativa. 115 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FARIA, M. G. S. Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FERNANDES, J. D. C. ; ALMEIDA, D. B. L. . Revisitando a Gramática do Design Visual em Cartazes de Guerra. In: Almeida, D. B. L.. (Org.). **Perspectivas em Análise Visual: Do fotojornalismo ao Bolg**. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2008, v. ,p. 11-31.

FORTE-FERREIRA, E. C e LIMA-NETO, V. Recategorização e Construção do Sentido em Textos Multimodais. **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 228-243, jan./jun. 2013.

GENETTE, Gérard. Palimpsestes. La littérature au second degré. Paris: Seuil. 1982.

HALLIDAY, M. A. K. **In an introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (2004). **An introduction to functional grammar** (3ª ed.). London: Edward Arnold.

KOCH, I. G. V. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G.V. **Desvendando os segredos dos textos**. 2 ed. São Paulo: Cortez. 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 18. ed. São Paulo:

Contexto, 2015.

KRESS, G. VAN LEEUWEN. **Reading images: the grammar of visual design.** London; New York: Routledge, 2006 [1996].

KRESS, Gunther. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication.** London e Nova York: Routledge, 2010. p. 1- 31.

LINS, M. P. P. e GONCALVES, L. S. **Humor como discurso de prevenção: o Cartum sob a Ótica da Pragmática.** 1. ed. Vitória: PPGEL-UFES, 2013. v. 1. 120p .

LUFT, L. Os filhos do lixo <http://walkermoreira.blogspot.com.br/2012/04/compreensao-e-interpretacao-textual.html> - Acesso 20/09 22:32

MARCUSCHI, L. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem.** Universidade Federal de Pernambuco. UFPE. Recife: PE, 2000.

Mautner, A. V. Consumismo. Equilíbrio, suplemento. **Jornal Folha de S. Paulo**, 7 jun.2007.

MIANI, R. A. (2012, jan./jun.). **Charge: uma prática discursiva e ideológica.** In: 9ª Arte. 1(1), 37-48. São Paulo.

MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace e fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours.** Lausanne: Université de Lausanne, 1994.

MONDADA, L. DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.M; BIASI. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas.** Fortaleza: Edições UFC, 2011.

RODRIGUES, B; CIULLA, A (Org.). **Referenciação.** São Paulo: Ed Contexto, 2003.

NASCIMENTO, S. S. O. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais.** 149 f. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da Gramática Funcional. **Alfa.** São Paulo, 38, 109-127, 1994.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 120 p. MEYER, M. A RETÓRICA. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PETERMANN, Juliana. **A publicidade Bom Bril: O segredo do sucesso.** Santa Maria, 2006.

Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

PINHEIRO, C. **Processos referenciais em textos multimodais**: aplicação ao ensino. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2011, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2012, v. 2, n. 1.

RAMOS, P. **Estratégias de referência em textos multimodais**: uma aplicação em tiras cômicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SILVA, W. B. **A referência em textos verbo-imagéticos**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

Anúncio fusca: <http://flaviogomes.grandepremio.uol.com.br/category/publicidade/page/3/> - Acesso 20/09 22:32

PELLEGRINI, D. **Crônica brasileira contemporânea**. São Paulo: Salamandra, 2005. p.210-3

PIÈGAY-GROS, Nathalie. **Tipologia da intertextualidade**. Intersecções – Revista sobre práticas discursivas e textuais. Ano 3, número 1. São Paulo, 2010. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. p 220-244.

SILVA, F. O. **Formas e funções das introduções referenciais** 127 f. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

ANEXO A



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – real/ideal Enquadramento - fraco Saliência - forte	
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo frontal	Ação transacional responsável pela introdução de referente Dilma. Recipiente amarelo é recategorizado por ser um participante conceitual simbólico
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO B



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência - forte	A introdução referencial se dá pela relação de dado/novo a partir da expressão verbal. O plano aberto e o ângulo oblíquo sugerem inferências de que Camilo Santana estava preocupado apenas em resolver o problema de falta d'água com a indicação de racionamento (Beba com moderação).
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO C



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	<p>Valor informativo – centro/margem</p> <p>Enquadramento - fraco</p> <p>Saliência - forte</p>	<p>A introdução referencial se dá pela relação de centro/margem a partir do personagem ao centro da charge. O plano aberto e o ângulo frontal sugerem inferências de que Temer apenas finge tentar resolver o problema econômico do país. Essa relação é recategorizada pelo barco afundando representar a economia por ser um representante conceitual simbólico. A ação de Temer ao tirar água do barco revela o aspecto de ação transacional.</p>
Metafunção Interativa	<p>Contato – olhar de oferta</p> <p>Distância Social – plano aberto</p> <p>Perspectiva – ângulo frontal</p>	
Metafunção Representacional	<p>Narrativa: Ação</p> <p>Conceitual: Simbólico</p>	

ANEXO D

Conta de luz
agora com aumento
de 13,64%



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - moderado Saliência – forte	A lâmpada, numa relação centro/margem, representada por uma caveira recategoriza o que é dito na expressão verbal. Esse representante conceitual simbólico traz à tona o susto dos consumidores ao receberem a notícia de aumento na conta de luz.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano fechado Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO E



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência - forte	O objeto no centro da imagem, em plano aberto e ângulo frontal, revela diversas inferências sobre a situação retratada. Sabe-se que a imagem do palácio do governo representa a fala dos governantes, que, em meio ao caos, procuram demonstrar que a situação está estável. A ação representada pelas ondas e a parte conceitual simbólica do palácio se unem e revelam por anáfora indireta a construção do referente.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

DIA INTERNACIONAL DA MULHER



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência – forte	A imagem é muito conceitual simbólica. Por anáfora indireta, há a relação entre a mulher e o poder de ganhar o mundo, que é representado como se fosse uma rosa. O movimento de entregar a “rosa” revela o caráter narrativo da ação.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano fechado Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	



...E livrai-nos da delação do Delcídio, amém!

METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência - forte	Os personagens representados no centro, em plano aberto e ângulo oblíquo incitam inferências para os interlocutores, visto que a situação dos dois políticos era preocupante em meio a inúmeras delações. A ação transacional se revela pela atitude dos personagens estarem ajoelhados, rezando. Isso também tem seu caráter conceitual simbólico, já que a súplica dos personagens remete a alguma culpa que eles parecem ter.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO G



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	<p>Valor informativo – dado/novo</p> <p>Enquadramento - fraco</p> <p>Saliência - forte</p>	<p>A introdução referencial se dá pela parte verbal no topo da charge, que é retomada por cada novo personagem que surge por meio da imagem.</p>
Metafunção Interativa	<p>Contato – olhar de demanda</p> <p>Distância Social – plano médio</p> <p>Perspectiva – ângulo frontal</p>	<p>O Aedes Aegypti é recategorizado como um dos matadores cruéis devido ao alto índice de contaminações pelo vírus.</p>
Metafunção Representacional	<p>Narrativa: Ação</p> <p>Conceitual: Simbólico</p>	

ANEXO H

BATE-PAPO ENTRE MOSQUITOS



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	O valor de dado/novo revela a introdução referencial feita pelos mosquitos. O plano aberto e o ângulo oblíquo permitem inferências sobre a situação do lixo, que é tratada na parte verbal e retomada pela parte não verbal.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO I



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência – forte	O título da charge introduz o referente, que é recategorizado pelo mosquito como dono do mundo, que é construído por meio do caráter conceitual simbólico. O olhar de demanda revela seu poder diante do leitor.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO J



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência - forte	O valor de dado/novo revela a introdução referencial feita pela parte verbal. O plano aberto e o ângulo oblíquo permitem inferências sobre a situação de desemprego, que é tratada na parte verbal e recategorizada pela parte não verbal. O caráter conceitual simbólico traz à tona a imagem de uma pisada na rocha como uma referência ao dito “pé na bunda”, quando alguém é demitido. A ação transacional é revelada pela ato do personagem ao correr, tentando fugir da situação.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO K



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A relação dado/novo revela as introduções referencias e as recategorizações entre o que está escrito nas placas e os desenhos da charge. O plano aberto e o ângulo oblíquo contribuem para as inferências feitas pelo leitor diante da situação caótica do governo Dilma.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO L



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência - forte	A introdução referencial se dá por meio da relação de dado/novo entre o verbal e o não verbal. O plano aberto e o ângulo oblíquo permitem inferências sobre a situação de domínio em que se encontrava o mosquito transmissor da dengue e da zika.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO M



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência - forte	A introdução referencial se dá por meio da relação de dado/novo entre o verbal e o não verbal. O plano aberto e o ângulo oblíquo permitem inferências quanto à situação de altos juros no ramo imobiliário.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO N

2016 O ANO DO MACACO



1

METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A introdução referencial é estabelecida pela parte verbal, que é recategorizada pelos gestos que cada macaco faz representando as ações de “não ouvi, não vi, não falei”. O plano aberto e o ângulo oblíquo favorecem essa recategorização. O caráter conceitual simbólico apresenta por anáfora indireta uma analogia entre a situação dos personagens e a situação em que se encontrava o cenário político-econômico brasileiro.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO O



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A introdução do referente se dá pela relação de dado/novo na charge. O ângulo frontal e olhar de demanda chama o leitor para interagir com o personagem representado. Esse personagem apresenta o caráter conceitual simbólico, pois a representação do ator retoma os personagens citados na parte verbal.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano médio Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO P



1

METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A relação dado/novo introduz o referente que aparece no título da charge. A participante está numa ação transacional, e o botijão de gás apresenta caráter conceitual simbólico. Juntos, são responsáveis pela recategorização do referente dado no título.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO Q



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência – forte	O referente é construído do centro para as margens. A saliência forte para a palavra “tragédia” revela a introdução do referente bem marcada pelo destaque que é dado.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO R



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	O referente é introduzido pela parte verbal e retomado pelo não verbal, numa relação de dado/novo.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	O plano aberto e o ângulo oblíquo permitem as inferências quanto à reação do prefeito de Fortaleza em relação à nota da educação básica. A expressão do personagem demonstra o caráter conceitual simbólico que a situação representa.
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO S



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência – forte	O referente é introduzido pela imagem de Eduardo Cunha e recategorizado pela parte verbal devido à disposição de centro/margem. O plano fechado revela o olhar de demanda que o personagem lança ao leitor. A relação de ser dono da bola recategoriza as decisões tomadas por Eduardo Cunha em relação à maioria penal.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano fechado Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO T

REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	Redução da maioria penal é retomado anaforicamente pelas palavras NÃO, que indicam falta de oportunidade. Em seguida, a expressão é recategorizada pela palavra SIM, que indica prisão, de acordo com a imagem da porta aberta, que revela o caráter conceitual simbólico.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano fechado Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO U



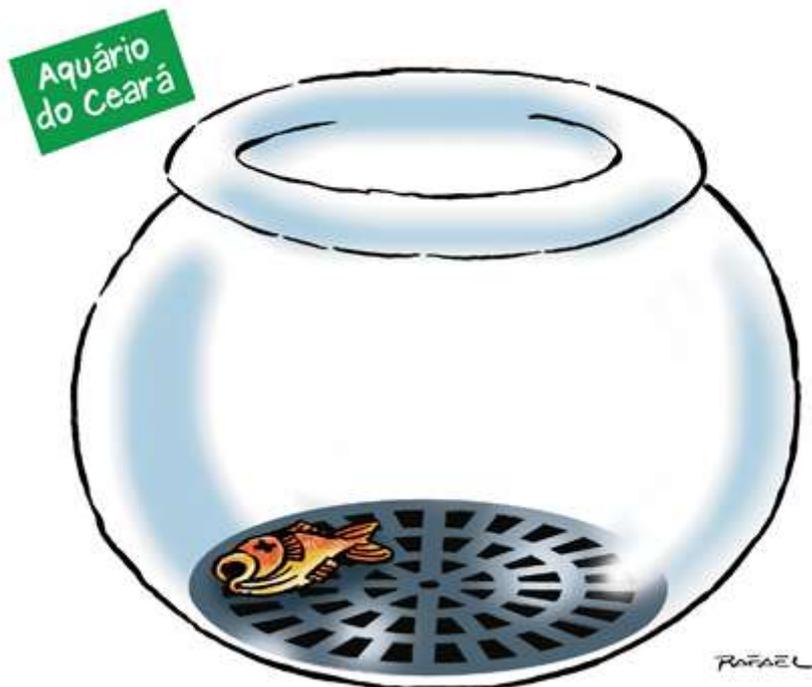
METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	<p>Valor informativo – dado/novo</p> <p>Enquadramento - fraco</p> <p>Saliência - forte</p>	<p>Chuva é recategorizada pela imagem das cédulas, que revelam o caráter conceitual simbólico relacionado ao roubo por parte do presidente da FIFA. O saco de dinheiro também contribui para essa representação.</p>
Metafunção Interativa	<p>Contato – olhar de oferta</p> <p>Distância Social – plano fechado</p> <p>Perspectiva – ângulo oblíquo</p>	
Metafunção Representacional	<p>Narrativa: Ação</p> <p>Conceitual: Simbólico</p>	

ANEXO V



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A expressão lava-jato é recategorizada pela imagem do míssil. Há o caráter conceitual simbólico em que o míssil representa algo ruim, no caso, a operação lava-jato, para Lula.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO W



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A imagem do peixe morto em um aquário recategoriza a expressão à esquerda da charge, Aquário do Ceará. O destaque dado ao peixe, por meio de inferências, revela ao leitor a situação caótica das obras desse aquário.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO Y



...calma minha gente, logo vamos virar esta situação!

Handwritten signature

METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência – forte	A personagem se destaca no centro da imagem, apresentando o referente. A parte verbal menciona uma possível fala da personagem, que é recategorizada pela imagem, pois representa como a situação do país estava na época do governo Dilma.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano fechado Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO Z



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – centro/margem Enquadramento - fraco Saliência – forte	A imagem ao centro reproduz inferências que são confirmadas pela parte verbal, ao tratar da ditadura. A imagem apresenta o caráter conceitual simbólico ao mostrar a ação do personagem.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de oferta Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO AA



Ajuda a caminho!

METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A relação dado/novo introduz o referente, que são os personagens representados. A parte verbal retoma esses referentes e os atualiza. A ação transacional dos personagens também é conceitual simbólica, visto que remetem à situação de instabilidade do governo Dilma.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação transacional Conceitual: Simbólico	

ANEXO AB



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	A relação dado/novo apresenta o referente, que é construído também pelas inferências reveladas pelo caráter conceitual simbólico. O olhar de demanda requer do leitor a resposta para a pergunta feita na base da charge.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo oblíquo	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	

ANEXO AC

OBRAS DA COPA



METAFUNÇÃO	SUBCLASSES	CONSTRUÇÃO DO REFERENTE
Metafunção Composicional	Valor informativo – dado/novo Enquadramento - fraco Saliência – forte	O título da charge introduz o referente. Pela relação dado/novo, temos a recategorização do referente pela imagem da tartaruga, que representa a lentidão no andamento das obras da Copa do Mundo. O caráter conceitual simbólico confirma esse significado dado à tartaruga.
Metafunção Interativa	Contato – olhar de demanda Distância Social – plano aberto Perspectiva – ângulo frontal	
Metafunção Representacional	Narrativa: Ação Conceitual: Simbólico	